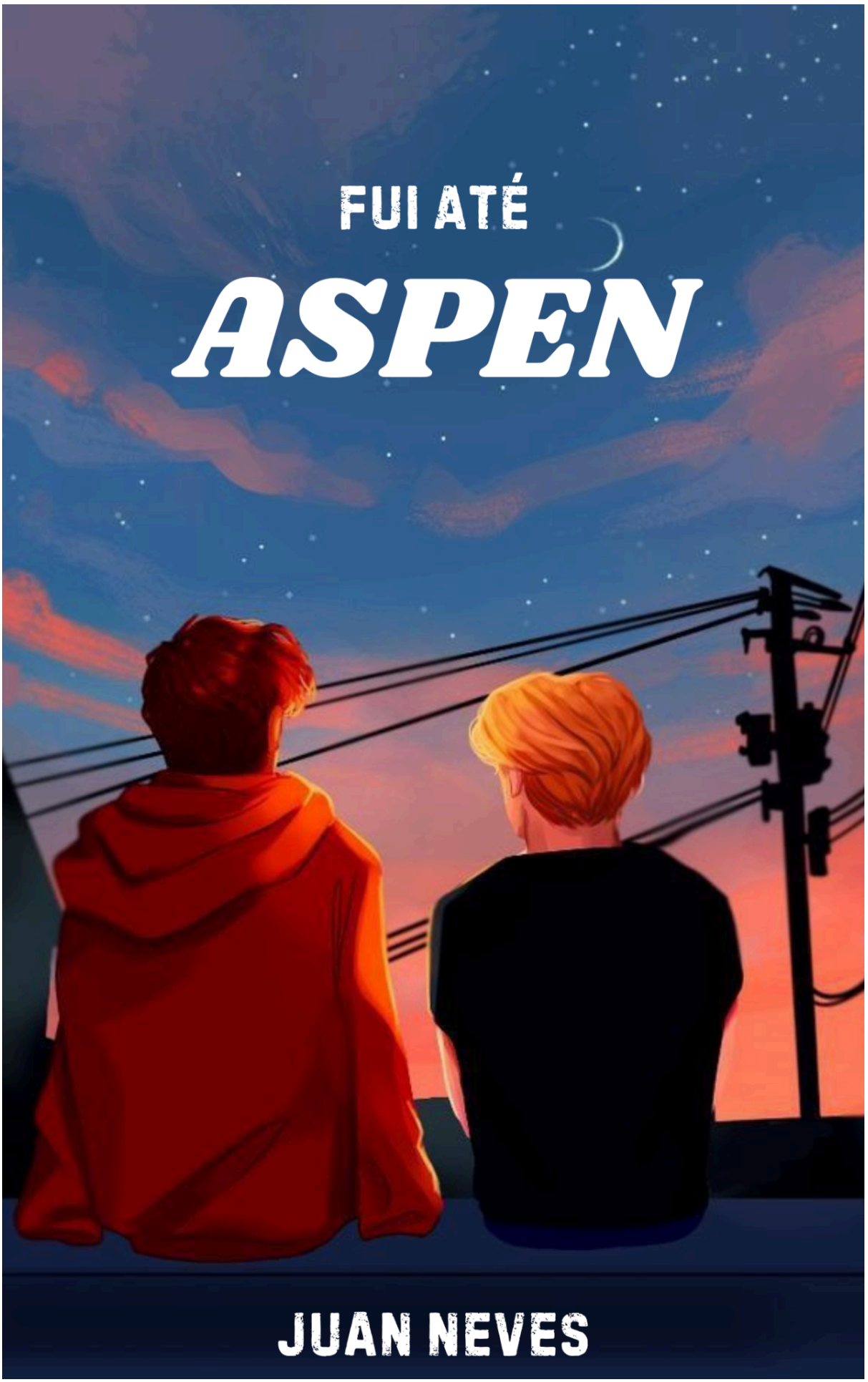

FUI ATÉ
ASPEN
JUAN NEVES

Índice

1. Aspen
2. Otto
3. Aspen
4. Otto
5. Otto
6. Otto
7. Aspen
8. Otto
9. Aspen
10. Otto
11. Aspen
12. Otto
13. Aspen

Acho que vou sentir sua falta para sempre,
assim como as estrelas sentem falta do sol no céu de manhã.

Aspen

Tá frio em São Paulo. Já tô acostumado — não é como se eu tivesse nascido no Rio ou viajasse com frequência. Estou usando meias, então o chão não está tão gelado quando o toco. Está um pouco escuro quando sigo até o banheiro. Ligo a luz, encaro meu reflexo. Estou terrível — realmente não tenho nenhuma ideia do que fazer com essas olheiras debaixo dos olhos. Talvez, se eu fizesse skincare, resolveria. Mas nem sei por onde começar.

Lomb passa por debaixo das minhas pernas e se senta no vaso sanitário. Ela lambe a pata e me olha como se dissesse: — *E a minha ração, seu gay pão com ovo?* Dou uma risada com o pensamento enquanto pego o creme dental.

O apartamento é pequeno, porém suficiente para minhas coisas. Já pensei em me mudar, mas não quero incomodar meus pais. Esse lugar não foi feito para alguém com 1,92 m de altura. Quando me mudei, há dois anos, vivia batendo a cabeça no batente das portas, mas agora já estou mais acostumado.

— O que você vai querer hoje? — mostro as opções que ela tem.
Lomb mia, e eu dou uma risada.

— A de peixe, não é?

Se não fosse por Lomb, eu quase não falaria. Flora não vem com tanta frequência aqui em casa, e só converso com meus pais nos fins de semana por Skype.

Coloco a ração dela, logo em seguida ponho pãezinhos de queijo para assar na air fryer. Preparo meu chá e vou até a sacada ver a evolução da mudinha que a senhora do andar de baixo me deu. Ela está morta.

Ah, eu sou péssimo nisso.

Toco em suas folhas já sem cor. Olho para o céu na tentativa de segurar as lágrimas — outra coisa em que sou ruim.

— Sinto muito. — Dou um beijo nela e volto para dentro. — Lomb.

Ela me olha.

— A plantinha morreu.

Se Lomb conseguisse, sei que estaria revirando os olhos, mas como não consegue, se contenta em apenas voltar a se deitar. *Insensível*.

Estou sentado no sofá com um prato de pães de queijo e uma nova xícara de chá, enrolado em um cobertor, com Lomb no colo, enquanto um dorama passa na TV. Tem coisa melhor? Eu respondo: não.

Me perco nas horas e quase me atraso. Coloco uma camiseta branca lisa, passo a escova no cabelo — acho que já está na hora de cortar — e me sento em frente ao notebook para assistir à aula da faculdade, que faço por EAD.

O que posso dizer em minha defesa? Humanos são perigosos? Sei lá. Nunca gostei de estar em público e, desde que fui diagnosticado com déficit de atenção aos nove anos, meus pais me tratam como se eu fosse de vidro. Depois que me assumi aos quinze, minha mãe tenta ao máximo se manter nas tendências do *mundo gay.*

A faculdade sempre me deixa muito confuso. Os termos técnicos embaralham minha mente e sempre parece que não tenho metade do cérebro.

Com a playlist da minha cantora favorita — *Lana Del Rey* — eu tomo um banho quente e converso com Lomb durante todo o processo.

No elevador, há três pessoas, ou seja, sou obrigado a dizer boa noite a todos. Coloco os fones com a intenção de me distrair, mas não consigo. Há uma adolescente que, ao meu ver, tem treze anos — ela não tira os olhos de mim. Me sinto constrangido.

Encontro Flora na entrada da academia.

— Achei que não iria vir hoje.

Passamos pela catraca.

— Demorou por qual motivo?

— O Uber demorou a aceitar a corrida.

— Pen! Você pagou caro numa bicicleta pra não usá-la?

— Não queria atrapalhar os pedestres.

— Meu Deus, Aspen! Você é um tonto. Me avise da próxima vez que eu busco você. Afinal, eu tenho carro.

Depois do treino semanal, eu e Flora seguimos para o shopping. Tomo uma casquinha enquanto Flora chupa aquelas balinhas azedas — ela é vegana.

Ela me deixa na portaria do prédio com seu carro.

— Tem certeza de que não quer subir? Posso fazer um chá.

— Não, amigo. Tenho trabalho da universidade e a sua gata me odeia.

— A Lomb não odeia você, apenas não gosta do seu perfume.

— Diz isso ao arranhão da minha perna.

— Arranhão da perna da Flora: Lomb não odeia vocês, tá bom?

Ela me dá um abraço, ainda rindo.

— Você é incrível! Não se atrase para o treino da semana que vem. Tchau.

Subo os pequenos degraus pegando alguns livros que chegaram hoje.

De banho tomado, estou enrolado no cobertor, com o iPad encostado em um dos travesseiros, ligado num dorama tailandês. Com Lomb nos meus pés, sinto que não preciso de mais nada. Minha vida está completa.

Otto

Mudança é um saco. Me sento em uma das caixas grandes – estou tão cansado – Vera vem de um dos quartos com uma caixa em mãos, ela pega a caneta permanente e me analisa.

— Você está sentado em uma das caixas frágeis.

Dou um salto, ficando de pé, e ela dá risada.

— Vai conseguir ir para São Paulo ainda hoje?

— Sim, é só algumas horas de carro.

— Eu iria com você, mas o escroto do João não me deu folga.

— Escroto.

Era para Vera vir comigo, arrumaríamos as coisas juntos. Vera não demora muito para ir pra casa, termino de organizar o essencial para mim já ir para São Paulo.

• Mochila com casacos;
• Carregador;
• Fones carregados;
• Produtos para skin care.

Olho uma última vez para o meu apartamento. Tantas memórias, e algumas decepções, mas é isso: indo para uma nova temporada da minha vida. *Partiu São Paulo!*

Me encontro com Olivia – minha irmã – que me entrega as chaves da minha nova moradia junto a alguns itens de limpeza.

É exatamente como vi na visita online, com móveis planejados em um tom de azul Oxford e bancadas de madeira bambu. As paredes em amarelo vão dar um contraste com o meu sofá azul.

Me sinto tão empolgado, isso é algo que idealizei desde os meus dezesseis anos: morar perto da minha família, tanto paterna quanto materna. Meus pais são brasileiros, mas eu e Olivia nascemos em Portugal e, quando comecei a fazer amigos, tivemos que mudar para o Canadá, onde papai traiu a mamãe e se divorciaram. Enquanto ele se mudava para o Brasil, ela se mudou para a Califórnia. Quando fiz quinze anos, Olivia já não morava mais com a gente. Quando completei vinte – há dois anos – mamãe e eu viemos para o Brasil, morando no Rio de Janeiro, onde conheci Vera.

Olho cada canto do apartamento imaginando como Heitor vai amar aqui. Vou levá-lo para passear toda manhã antes de ir trabalhar, e quando eu chegar, ele vai pul…

Corto esse pensamento ao lembrar que, quando Liv assinou o contrato daqui, havia uma cláusula que proibia animais de estimação. Tive que deixar o cachorro com a minha mãe. Achei que superaria rápido.

Balanço a cabeça, espantando os pensamentos negativos, e vou até a minha mochila pegar um dos casacos que venho comprando já faz um mês.

Volto do Starbucks com café, mas o deixo cair quando grito ao ver uma barata, e depois grito novamente porque o café estava quente.

Sou forçado a trocar de bermuda antes de descer para o térreo e ficar sentado em uma das poltronas desconfortáveis à espera do caminhão com as minhas mudanças.

Sou obrigado a fingir que sei ler jornal. Meu celular descarregou.

— Boa noite, sr. Rogério.

Uma voz grossa e rouca anuncia a chegada de um homem de cabelos loiros – quase brancos – olhos azul-esverdeados. Não o encaro por muito tempo, mas percebo que ele é muito pálido, tem um piercing e usa brinco nas duas orelhas, e o seu nariz é levemente torto. Talvez já tenha quebrado alguma vez.

— Boa noite, menino Aspen — o porteiro o cumprimenta. — Tem algumas encomendas em seu nome.

— Na volta eu posso pegar?

Os olhos dele vagam entre mim e o porteiro. *Ele é muito bonito.*

— Pode sim.

Aspen deixa o prédio, entrando no que me parece um Uber. O porteiro toca em meu braço, chamando minha atenção.

— Me pergunto o que será do futuro desse rapaz.

— Por que o senhor diz isso?

— Não sai de dentro de casa — ele começa a contar nos dedos. — Quando sai, é para ir ao mercado ou à academia. Às vezes vem uma moça aí, mas já a vi conversando com outros rapazes. — Ele se aproxima. — Até com garotas — ele sussurra.

Arregalo os olhos. Alguém trairia o Aspen?

E os meus móveis não chegaram, e o chão não me parece muito confortável. O que eu farei?

Eu sei, não deveria estar na porta de nenhum vizinho às 1h19 da madrugada e sem nenhum bolo de cortesia. Mas aqui estou eu.

Toco a campainha pela segunda vez. Talvez estejam todos dormindo em suas camas quentinhas, enquanto eu irei dormir em um chão duro e gelado. Me viro para voltar para dentro de casa, mas ouço as chaves girando e a maçaneta se movimentando. Aspen está na porta com os olhos inchados e vermelhos.

— Boa noite, é Aspen, né? — Ele ergue uma das sobrancelhas. — Sou o vizinho novo. Não querendo incomodar, mas não teria um edredom e um travesseiro para me emprestar?

Tenho que fazer a melhor cara de piedade.

Ele retorce os lábios. Tem duas pintas no canto esquerdo. Ele olha por cima do ombro e então se volta para mim.

— Só um instante.

Ele fecha a porta e, quando volta, está com um travesseiro e um edredom em mãos.

— Esses servem?

— Sim! Muito obrigado — dou um pulinho. — Você é o melhor vizinho que eu já tive.

Ele sussurra um “obrigado” enquanto me entrega o que será o meu colchão por hoje. Nos despedimos e eu volto para minha residência, faço o meu skin care diário e vou dormir.

Acordo com dores nas costas, porém, feliz, pois estou aqui.

Depois de tomar o meu café da manhã – Coca-Cola e um saco de batatinhas – fico sentado na calçada à espera do caminhão chegar. Enquanto isso, eu aproveito para pegar um pouco de sol.

Estou novamente na porta de Aspen. Hoje ele abre de primeira, com os olhos inchados e vermelhos. É isso mesmo, nosso futuro está entregue a jovens deprimidos e depressivos. Esse é o nosso futuro.

— Oizinho — aceno com a mão. — Poderia me ajudar, novamente?

— Você precisa de mais cobertores?

Dou uma risada.

— Não, como eu disse antes, estou de mudança, os meus móveis chegaram.

Ele parece confuso.

— Você poderia ajudar o seu vizinho que passou a maior parte da vida comendo coxinha e pastel em vez de ir para uma academia?

Ouço a sua risada, baixa e rouca, mas ainda assim eu a ouço.

Seguimos para o térreo em silêncio. Ele fica com o trabalho mais árduo, enquanto eu fico com os leves.

— Pode deixar aqui — digo, apontando para um lugar aleatório da sala.

Ele está sem o moletom que usava, agora com uma camiseta com alguma palavra em asiático. E agora percebo que ele é muito alto, mas talvez seja só porque eu tenho 1,68 de altura.

Ele sorri, olhando em volta.

— Dormiu ali?

Ele aponta, indignado — pobre garoto rico — para a cozinha, e eu concordo com a cabeça.

— Se tivesse me dito, teria emprestado meu colchão inflável.

— Era só uma noite, não tinha problema.

— Bom, eu preciso ir — ele diz, olhando o seu relógio de pulso. O acompanho até a porta.

— Muito obrigado pela sua ajuda. — Ele sorri. — Prometo fazer um brigadeiro para você.

— Não precisa…

— Precisa sim!

Somos interrompidos pelo seu telefone tocando. Era uma tal de Flora. Ele se despede com um aceno e entra em casa, e eu me pergunto: será que essa Flora é a que trai ele? Mas não paro pra pensar muito sobre isso. Tenho um apartamento inteiro para organizar sozinho. Triste a vida de um português.

Estou sentado no meu sofá conversando com a Vera pelo Skype.

— Prometi a ele um brigadeiro.

— Talvez ele queira dinheiro?

— Isso até um morador de rua quer, e não tem. Já vai ganhar o brigadeiro.

Ela ri do outro lado.

— Pelo menos já vai sair com alguma coisa.

Confessei a ela que não vou devolver o edredom para o Aspen. Desculpe, mas ele é melhor do que todos os meus cobertores juntos. Me vejo na obrigação de roubar.

— Espera aí, o interfone tá tocando.

Deixo o notebook ainda aberto no sofá e vou pulando as caixas que estão na cozinha – perdão, mas não sou perfeito, arrumei só a sala e o quarto e joguei o resto aqui para arrumar amanhã – vou até a área de serviço e atendo o telefone. Minha comida chegou.

Desço até o térreo, pego a minha comida e troco algumas palavras com Rogério.

— Boa noite — Aspen diz ao passar por nós.

Ele desce os degraus, se encontrando com uma moça – cabelos longos em um tom de castanho claro, com duas mechas na frente descoloridas, olhos verdes, orelha cheia de piercings e um no septo. É muito bonita – tive até um pan panic agora. Fico imaginando as perfeições de crianças que sairiam desses dois.

Subo para o meu apartamento com a minha comidinha gordurosa em mãos e passo o restante da noite conversando com Vera, que me conta só agora que o tio dela conseguiu uma entrevista de emprego para mim no mercadinho da rua.

Dormi enrolado no edredom de Aspen, que tem cheiro de amaciante caro, enquanto o seu travesseiro tem cheiro de shampoo de rico.

Aspen

Estou chorando novamente. Estou na frente de Lomb; normalmente ela me ignoraria, mas agora apenas solta um miado triste e arrastado. Ela tem passado mal nos últimos dois dias.

— Desculpa, meu amor. — Aliso os seus pelos. — A faculdade me distraiu, mas eu já estou indo lá, tá bom?

Tomo um banho rápido, coloco uma roupa apresentável e sigo para o veterinário.

Volto com a notícia de que eles não fazem consulta domiciliar, mas mesmo assim agendei uma consulta para ela. Como eu irei levar Lomb até lá? Também não sei. Não posso sair de um lugar onde é proibido animais com uma gata no colo. *Oh, meu Deus, o que eu farei?*

— Se acalma, Pen, passo aí daqui a pouco e pego a Lomb. — Flora diz ao telefone, e estou a ponto de chorar. — E, se você quiser, Lomb pode ficar em minha casa. Se ela piorar hoje, eu a levo em outro veterinário.

— Muito obrigado. Mas você vai ficar bem com Lomb em sua casa?

Sinto que os olhos de Flora reviraram.

— Sim, Pen. — Ela para pra beber água — ela está na academia. — Não é como se Lomb fosse melhorar durante a madrugada e arrancar meus olhos com a sua garra.

Isso me tira uma risada.

— Agora tenho que desligar, aquele personal gato está vindo pra cá e não quero que você me ouça flertando. — Ela dá risada. — Fica tranquilo, vou passar no pet shop no caminho pra sua casa. Te amo, tchau.

Ela desliga antes mesmo de eu dizer algo. Aperto o botão para o elevador subir para o meu andar.

— Segura pra mim! Segura pra mim! — alguém grita e eu coloco a mão entre as portas.

— Obrigado. — É o novo vizinho. — Ah, oizinho, Aspen.

É estranho pensar que ele saiba o meu nome, mas eu não. Só sei que ele aparenta ter uns vinte anos — mesmo que seja muito baixo para essa idade —, tem olhos castanhos, sardas, usa um brinco em apenas uma orelha e, na esquerda, um piercing transversal.

— Oi. — Dou um sorriso sem mostrar os dentes.

— Meu Deus, correr é muito cansativo. — Ele tira uma garrafinha de alumínio da mochila e toma um gole. — Terminei de organizar a cozinha hoje de manhã, então logo logo você ganhará o seu brigadeiro. — Ele sorri.

O sorriso dele é fascinante. Parece que tem algo nele que puxa você pra ele. É impossível não sorrir de volta. Estou sorrindo pra ele.

— Não precisava, sério.

— Você me ajudou tantas vezes, é óbvio que precisava.

Quando penso em dizer algo, a luz do elevador se apaga, e a de emergência se acende. O elevador quebrou.

O ruivo vai até o painel de botões, os aperta, e logo depois dá um chute na porta. Ele se vira pra mim com um sorriso:

— Eu não sou um vândalo, tá bom?

Dou uma risada. Isso nem passou pela minha cabeça.

— Tá bom.

Estamos aqui há mais de quarenta minutos. Estou agachado enquanto Otto — agora sei seu nome — está sentado diretamente no chão. Ele me contou que foi a uma entrevista de emprego aqui na rua e que depois sairia com a irmã, mas a bateria do celular acabou e ele veio colocá-lo pra carregar. Queria ser tão aberto assim como ele. Isso é algo admirável.

— Sim, Liv, vou pra sua casa assim que essa lata de lixo abrir. — Emprestei meu celular pra ele avisar a irmã que está bem. — Nunca mais entrarei em um elevador na minha vida. Agora só escada, projeto fitness.

Reprimo os lábios tentando segurar a risada.

— Agora vou desligar pra não acabar com a bateria do Aspen. Tchau, também te amo. — Ele desliga me entregando o aparelho.

Dou um sorriso, mas só porque ele deu primeiro. Tem algo mágico nele. Sinto que sempre estou sendo puxado pela sua energia.

Envio uma mensagem para o Sr. Rogério avisando que estamos presos aqui. As portas do elevador estão voltadas para uma parede, então vai ser necessário nos puxar pela engrenagem, o que vai demorar mais um pouco. *Será que Lomb está bem?*

— Isso é seguro? — Otto me pergunta assim que explico a situação.

— Acredito que seja. — Não tenho certeza de que é seguro, mas quis confortá-lo.

Já estamos presos aqui há uma hora e vinte e cinco minutos. Otto está deitado no chão e eu sentado ao seu lado. Os cabelos caem sobre suas bochechas gordinhas — sinto vontade de apertá-las —, seus lábios carnudos e rosados estão entreabertos. Consigo ver um pouco dos seus dentes, que são levemente tortos. Suas sardas o deixam ainda mais fofo. Otto não tem um defeito sequer.

Sou tirado do meu devaneio quando ouço as engrenagens sendo puxadas. Otto abre os olhos e se levanta; sigo seu exemplo e me ergo.

Ele se espreguiça. Consigo ver uma parte de sua barriga e o cós da cueca — essa imagem não vai sair tão cedo da minha mente. Somos pegos de surpresa quando o elevador despenca alguns andares. Perdemos o equilíbrio. Consigo me segurar, mas logo vou ao chão quando o corpo de Otto se choca com o meu. A luz de emergência se apaga. Sinto sua respiração no meu pescoço, seu cabelo — que tem cheiro de coco — pinica meu nariz, suas pernas estão entre as minhas, uma de suas mãos está tocando minha cintura. E isso é o mais perto que cheguei de um garoto.

A porta se abre na força bruta. O elevador ainda está com uma boa parte na parede, mas tem espaço suficiente para nós dois passarmos. Otto usa meu peito como impulso para se colocar de pé.

— Vou precisar de uma ajudinha aqui. — Ele diz com um sorriso.

Me abaixo entrelaçando os dedos, formando uma base para seu pé.

— Suba. — Ele olha diretamente nos meus olhos e sorri. Eu poderia facilmente me perder na imensidão castanha dos olhos dele.

Com uma mão no meu ombro, ele coloca o pé em minha mão, se erguendo e segurando na mão do Sr. Francisco — o jardineiro do prédio, ele quem abriu a porta com força bruta. Jogo nossas bolsas e, com um pulo, estou fora do elevador.

Agradecemos a ajuda do senhor e subimos os dois andares que faltavam de escada, parando algumas vezes para Otto recuperar o fôlego. Flora está me esperando na frente da minha porta.

— Ah, meu Deus. — O mais baixo sussurra. — Você tinha um date? Desculpa.

O quê? Date com quem? Ele acha que eu sou hétero?

— Não, ela é apenas uma amiga. — Digo rápido. — E também, não é como se você tivesse quebrado o elevador.

— É. — Ele dá uma risadinha. — Verdade.

— Até que enfim, Pen. Machucou alguma coisa no elevador? — Ela ergue os olhos do celular. — Ah, oi.

— Oi, tudo bem?

— Você que é o vizinho novo? — Ela estende a mão, e ele a aperta. Agora percebo que sua mão é pequena e gordinha. — Flora.

— Sou o Otto.

Ela sorri, e ele dá um dos sorrisos radiantes que me iludiu instantes atrás. Ele se despede e entra em seu apartamento. Seguimos para o meu.

— Cadê a Lomb?

— Em meu quarto. Quis deixá-la quentinha.

Ela sorri e segue para o cômodo. Ajudo a colocar a Lomb dentro da caixa transportadora — ela odeia, mas é para seu bem — e descemos pelo elevador.

— Fica tranquilo, Pen. — Ela coloca Lomb no banco traseiro e se volta pra mim. — Vou levar ela amanhã de manhã. Assim que sair do veterinário, te ligo. Mantenha a mente ocupada com alguma coisa. Toma um banho demorado, faz uma janta, estuda, assiste... Apenas relaxa. — Ela me abraça. — Deixa que a titia Flora cuida da bebê Lomb.

Fico no estacionamento até seu carro sumir.

Tentei, eu juro que tentei. Tentei ao máximo me concentrar no trabalho. Não consegui. Tentei assistir a algum dorama. Não consegui. Tentei ler um dos meus mangás preferidos, desisti, fui ao mercado — afinal, hoje é quinta — comprei brinquedos para a Lomb e cheguei chamando por ela. Está vendo? Eu sou um desastre.

Estou cortando as folhas do alface quando o meu celular toca. Corro achando que pode ser a Flora, mas não é. São os meus pais. Não que eu os odeie, eu os amo, mas realmente queria saber da Lomb.

— Oi. — Digo ao atender.

— Como você está? — Minha mãe inicia.

— Tô bem, e a senhora?

— Tô bem, querido. Tem tomado todos os seus remédios?

— Sim, sem tirar e sem pôr.

— E como andam as coisas da faculdade?

Me sento no sofá.

— Estão indo bem.

— Já arrumou algum namoradinho? — Ela dá uma risadinha.

— Mãe, não.

— Ah, eu quero netos.

— Já tem a Lomb.

— Sim, sim, eu a amo, mas quero mais netos.

Por Deus.

— Aconteceu alguma coisa? Hoje não é sábado.

— Aspen! Precisa acontecer algo pra sentir falta do meu filho?

— Não, mãe, desculpa... só estou preocupado com a Lomb.

— O que aconteceu? Ela fugiu? — Ela parece desesperada. — Ela está esperando bebês? Ah, meu Deus! Eu vou ser bisavó, Gaspar! Vamos ter bisnetos!

Dou risada. Minha mãe é incrível.

— Não, mãe, a Lomb não está esperando filhotes. Ela está doente. A Flora a levou pro veterinário.

— Ah, meu Deus! Querido, se acalme. — Ouço uma cadeira sendo puxada. — Ela vai ficar bem, sim?

Conversamos por mais alguns minutos e então ela desliga. Logo depois, a Flora me manda uma mensagem dizendo que a Lomb reconheceu o meu cheiro no quarto em que eu sempre durmo lá. Fico tão feliz que até choro.

Mais tarde, recebo uma mensagem de um número desconhecido. É o Otto. Ele pegou o meu número no celular da irmã. Conversamos até a beira da madrugada.

Descobri algumas coisas sobre ele:

- Ele é o filho mais novo, tem vinte e dois anos;
- É português;
- Filho de pais divorciados;
- E é pansexual.

Otto

Hoje é o meu primeiro dia no novo emprego e ainda estou muito indeciso se vou com o meu All Star preto, que passa a vibe de menino sério e comprometido com o trabalho, ou se vou com o meu azul com constelações, que passa a vibe de gay lunático do ensino médio.

Tá tudo bem, talvez eu goste da vibe gay lunático do ensino médio. Penso nisso enquanto estou no elevador — juro que tentei ficar só na escada, mas eu sou muito sedentário, desculpa — verificando se não esqueci nada. Não, não esqueci nada. Tá tudo aqui.

Consegui a vaga de operador de caixa no mercadinho da rua, o que o meu eu sedentário agradece, e muito. Atravesso a rua andando apenas nove passos e já estou no mercadinho. Fiquei com o turno das onze da manhã até às cinco da tarde. Não ganho o suficiente para pagar todas as despesas, ou seja, ainda dependo financeiramente dos meus pais.

Antes de bater o ponto, converso um pouco com Gabi e Sophia, minhas colegas de trabalho. Já sentado no caixa nove — que será o que eu vou operar — abro um sorriso à espera do meu primeiro cliente. Atendo duas crianças — elas foram umas fofas, até perguntaram se meu cabelo era natural (e sim, ele é, todos da minha família são ruivos). Passaram alguns adolescentes que não tiravam a cara do celular, eles digitaram a senha errada quatro vezes — quase chamei a polícia — antes de ligarem para a mãe de um deles. Também passou uma senhorinha aqui que foi adorável comigo.

Chego em casa com os ingredientes necessários para fazer um brigadeiro para Aspen. Desde o dia do elevador ele não está ficando muito em casa, mas de lá pra cá temos trocado muitas mensagens.

"Oi, está em casa?" — digito, mas logo apago. Isso parece que estou afim de fazer algo com ele, e esse não é exatamente o ponto.

Antes de eu conseguir pensar nas palavras corretas para enviar a Aspen, ele me manda uma foto. É um pôr do sol na sacada da casa de Flora — sei disso pois ele sempre está lá e também porque ele mesmo me contou — fazendo um sinal de paz com a mão.

"Está na Flora?" — pergunto. A resposta não demora muito a aparecer:

"Não, estou em casa. A foto é de ontem rsrs."

Com essa resposta, sei tudo o que precisava. Tiro os sapatos e, seguindo para a cozinha, preparo o melhor brigadeiro que algum dia já foi feito. Coloco até granulados coloridos, para dar um ânimo nele. Aspen tem andado muito tristonho ultimamente.

Coloco uma roupa mais confortável, que se resume a um conjunto de moletom, e estou na porta do lado tocando a campainha.

— Olhe só, quem diria que eu estaria vendo Otto Lavrino com um conjunto de moletom completo. — Dou uma risada.

Aspen me disse que tem déficit de atenção e que, em sua família, há casos de Alzheimer. Mas olha só ele lembrando algo que disse no sábado — dois dias atrás — que eu, como um bom filho e amigo de cariocas, não usaria um conjunto de moletom a não ser que estivesse nevando.

— Está nevando lá fora. — Minto. Ele dá uma risada.

Ele está usando uma camisa de mangas longas e uma calça xadrez com meias de gatinho.

— Fiz brigadeiro pra você.

Só então ele percebe o prato em minhas mãos. Seus olhos brilham.

— Não precisava. — Ele diz, olhando nos meus olhos, e isso me faz lembrar do dia no elevador, quando eu estava com os olhos fechados e mesmo assim sentia os de Aspen queimando em mim.

— Eu prometi, não prometi? — Ele concorda, gesticulando com a cabeça. — Um Lavrino sempre cumpre suas promessas.

— Então, por favor, faça mais promessas.

Agora é a minha vez de sorrir igual a um idiota.

— Vem, entra. — Suas mãos dão uma volta em meu pulso, me puxando para dentro.

É a primeira vez que estou na casa de Aspen. Tem cheiro de flores do campo, o ar aqui é quentinho e tudo é tão aconchegante. O sofá é cheio de almofadas, acima tem um quadro minimalista. Perto da porta de correr tem aquelas casinhas de gatos que têm alguns andares e vários lugares para eles arranharem — o que me deixa um pouco intrigado. Na TV toca alguma playlist no volume baixo. Na estante abaixo da TV há alguns porta-retratos.

Ele vai até a cozinha e volta com duas colheres. Sentamos no sofá e espero até que ele experimente o doce.

— Então, gostou?

— Isso aqui está muito bom! — Ele coloca outra colher na boca e eu sorrio. — O seu dá de dez a zero no da Flora. Por favor, não conte isso a ela.

Dou uma risada. Aspen consegue ser a pessoa mais fofa que existe nesse mundo.

— Sua casa é muito linda. — Digo, olhando mais uma vez em volta.

— Obrigado, os meus pais me ajudaram com a decoração.

Aspen nunca trabalhou — também nunca precisou, os pais sempre foram ricos. Eles nem queriam que ele viesse para São Paulo, só deixaram por conta da faculdade. O plano inicial era Aspen fazer faculdade presencial, mas ele desistiu.

— Aquele é você? — Digo, indo até o porta-retrato — de uma criança loirinha. Do lado direito tem um Aspen com muito menos cabelo e sem o nariz torto. Do lado esquerdo, uma mulher loira com olhos iguais aos de Aspen.

— Eu sou a criança, esse do lado é meu pai e a moça é minha mãe.

Uau. Aspen é a versão cabeluda do pai dele.

Me viro a tempo de ver o seu sorriso. Seus dentes são retos e brancos, lábios finos e rosados com alguns machucados — aqui em SP faz muito frio e ele não os hidrata.

— Sua família deve ter uma ótima genética. Você deve a quem puxar. — Passo o dedo no nariz perfeito do pequeno Aspen. — Aspen. — Ele me olha com toda a atenção. — Por que o seu nariz é levemente torto?

Suas bochechas ganham um tom rosado e sua mão vai até o nariz.

— Ah. — Tenho um par de olhos azuis com olheiras profundas me encarando. — Eu quebrei quando tinha doze anos.

Sabia!

— Como? — Volto a me sentar ao seu lado.

— Me acertaram uma raquete no rosto depois de me darem uma rasteira durante a escola.

Arregalo os olhos. Nunca imaginei um Aspen briguento.

— Você brigava muito?

— Não! — Ele dá uma risada. — Pelo contrário, sempre sofri bullying e homofobia em silêncio.

Homofobia?

— Na época, eu nem queria contar aos meus pais, mas seria muito difícil esconder um nariz quebrado. Depois tudo se resolveu, minha mãe até processou os pais do garoto.

Aspen é gay?

— Homofobia?

— S-sim. — Ele sorri trêmulo. — Eu sou gay.

É, Aspen é gay. Aspen é gay!

Dou um sorriso.

— Você é gay?

— Sim, eu sou gay. — Damos risada. — Pensei que fosse algo óbvio.

— Desculpe, esqueci meu gaydar no Rio. — Ele gargalha.

O tempo passa e nem percebo. Compartilhamos nossas experiências gostando de garotos. Aspen ficou chocado que, ao invés de eu sofrer bullying, eu o pratiquei com os meus colegas — tenho certeza que traumatizei o Theodore.

Fica tarde e eu volto pra casa a tempo de fazer a ligação diária para Vera.

— Adivinha! — Ela grita ao aparecer na tela.

— O quê?! Aquela garota do cabelo rosa que trabalha com você finalmente se assumiu pra você e pegou em seus peitos?

Ela dá risada.

— Não! Uma pena, mas ela namora. — Ela rola os olhos. — O caixa da Starbucks.

— Tem certeza? Talvez ela só namore ele pra ter café gelado grátis.

— Otto, isso é você quem faria. — Dou risada. — Mas enfim, você perdeu a chance de adivinhar. Vou contar: eu vou pra São Paulo na quarta!

Dou um grito.

— Precisamos fazer uma festa.

— Sim, precisamos! — Ela semicerra os olhos. — O Aspen vai estar?

Reviro os olhos.

— Primeiro, somos apenas amigos. — Vera vem me zoando, dizendo que estou namorando com Aspen e que vim pra cá justamente pra ficar com ele. — Segundo, irei convidá-lo, se ele for vir já é com ele.

— Ele está no seu quarto? — Ela se aproxima da tela. — Aspen, vem até a sala! — Ela grita. Reviro os olhos e ela gargalha. — Tá bom, tá bom. Brincadeira à parte, quer que eu leve algo?

— Pode passar na casa da minha mãe e pedir uns trinta mini pastéis, podemos colocar na festa.

— Por que não pede ao seu pai? Você não diz que o dele é tão bom quanto o da sua mãe?

Não tinha pensado nisso.

— Tá, mas ainda não tive tempo de ir visitá-lo. Mandar uma mensagem pedindo pastéis não seria legal.

— Vai até a casa dele, ué. Manda uma mensagem pra Olivia, ela com certeza vai ajudar.

— Você está certa.

Pego o meu celular, mandando uma mensagem para Olivia:
"Podemos nos ver amanhã?"

Aproveito para mandar uma para Aspen:
"Vera vai vir para São Paulo!"

Otto

Não demora muito para a resposta de Aspen aparecer em minha tela.
Meu Deus! Fico contente por você!

Dou um sorriso.

— Falando com quem? — Vera questiona.

Apenas por um instante eu esqueci de sua presença.

— Com a Olivia, ué. — Minto apenas por instinto.

As sobrancelhas de Vera se juntam e depois se erguem.

— **Nunca te vi sorrir igual a um idiota conversando com Olivia.**

Como odeio que ela me conheça tão bem.

Dou um suspiro.

— Deixa eu contar como foi o meu primeiro dia sendo um assalariado.

— Tá, vamos fingir que você não está tentando mudar de assunto.

Converso com Vera por horas, jantamos juntos, fizemos *skincare*, até usamos o banheiro juntos e, no final, dormimos um na frente do outro. Deixo o meu turno seguindo para o centro — vou encontrar Olivia — para fazer algumas compras para a festa. Liv está parada em uma loja, usando uma calça jeans retrô com uma camisa vermelha que deixa um pouco de sua barriga à mostra.

Ela se vira a tempo de me ver.

— Otto! — Ela me abraça. — Que saudades!

— Também estou com saudades!

Ela me solta, mas mantém o braço entrelaçado ao meu enquanto me guia pelas ruas. Antes de irmos para a casa do papai, compramos um salgado do qual comi apenas a metade — gosto de óleo puro. Papai mora em um condomínio privado um pouco afastado da cidade; entramos por uma das entradas laterais. Os móveis minimalistas são todos brancos. Dá para ver o seu reflexo no chão, também branco — até me pergunto se é de fato para entrar com sapato. Papai está com Valentina na sala.

Valentina foi a amante de meu pai. Não tiro a culpa que ele tem, mas também me lembro o quão próxima ela era de minha mãe. Ela é bonita, não se pode negar: é alta, morena, de cabelos cacheados, olhos verdes, e aparenta ser mais nova do que realmente é — ela tem quarenta e nove anos —, mas há algo que a deixa superficial e rasa, e não, não estou falando dos procedimentos estéticos que ela tem.

A risada de meu pai morre ao ver eu e minha irmã na porta, mas um sorriso nasce em seus lábios enquanto se ergue. É até cômica a cara de desgosto que Valentina faz.

— Olivia, Otto! Meus filhos! — Ele toca meu rosto. — Meu menino está em casa! Por que não veio antes? — Ele me abraça enfiando os dedos em meus cabelos.

Ele me solta e Valentina me dá um abraço de lado e rápido. Estamos todos sentados jogando papo fora há uns quarenta minutos.

— Pai, Otto precisa pedir algo a você. — Liv anuncia.

Ele se vira, me olhando.

— Pode me pedir qualquer coisa. — Sua mão faz um pequeno carinho em meu joelho.

— Bom, eu gostaria que o senhor fizesse alguns daqueles pasteizinhos que fazia enquanto morávamos em Portugal.

Valentina dá uma risada irônica.

— Querido, faz anos que Orpheu não entra em uma cozinha.

— Puff! Posso entrar até em um esgoto por Otto e Liv. — Ele bagunça o meu cabelo. — Quantos você precisa? Faço até cem se você quiser!

Fico para o jantar. Me sento ao lado de Olivia, papai se senta na cabeceira da mesa e Valentina ao seu lado, em frente a Liv. Isso me lembra um pouco da minha infância. Não tínhamos muito dinheiro, então, quando meus pais não nos levavam para o restaurante, ficávamos esperando eles acordados; sempre jantávamos juntos. Olivia vivia reclamando de algumas de suas colegas de escola. Depois do divórcio, mamãe seguiu com essa tradição.

— Então, Otto, do que tem trabalhado? — Valentina passa a travessa com salada para o meu pai.

— Consegui um como operador de caixa. — Me sinto um pouco constrangido pela forma como ela me olha. — É perto de casa, então eu não me esforço tanto.

— Por que não vem trabalhar com o seu pai no clube? — Ela sugere. — Lá é tão qualificado! Liv mesmo começou por lá e, olhe só, ela já tem um apartamento no Rio e outro em São Paulo, além de ter uma joalheria no shopping.

A joalheria é da minha mãe, mas óbvio que Valentina nunca vai aceitar isso.

— Agradeço a oferta, mas estou confortável como estou.

Ela revira os olhos.

— Sua aparência não é apenas o que você tem de parecido com a sua mãe. O seu orgulho

e arrogância são iguais aos dela. É tanta ignorância que beira a soberba. — Ela diz isso como se a minha mãe fosse o monstro da história.

— Valen, por favor, pare. — Meu pai segura sua mão.

— Você diz isso como se fosse algo ruim. — Solto o garfo. — Posso até trabalhar como passeador de cães, ainda assim, terei uma boa quantia em dinheiro me esperando, mas meus pais — principalmente minha mãe — me ensinaram o valor de correr atrás do que é seu, e não ir atrás de um homem casado para ter um casamento com separação de bens.

— Otto! — Papai me repreende.

Sinto a mão de Olivia em minha perna.

— Valentina, não faça comparações entre mim e meu irmão! E nunca, nunca menospreze a minha mãe. — Olivia diz ríspida. — Ela já fez muito mais do que qualquer um dessa sala. Mamãe praticamente colocou o restaurante de papai de pé, os dois fizeram o possível e o impossível para dar uma vida digna para mim e para o meu irmão! Somos gratos por isso. Não é necessária a sua intervenção na escolha de trabalho que nós temos.

Valentina beberica sua taça de vinho.

— Eu só quero o melhor para vocês dois. Sei muito bem que uma vida de assalariado não é o suficiente para um Lavrino.

Solto um suspiro.

— Bom, o jantar estava ótimo, mas tenho que ir. — Devia saber que isso aqui seria uma perda de tempo.

— Otto, filho, você mal encostou na comida.

— Estou sem muita fome. — Mentira, ainda queria comer aquela lasanha ali.

— Então durma aqui.

— Não, muito obrigado, pai.

— Vou levá-lo para casa. — Olivia deixa a mesa.

Fomos o caminho inteiro em silêncio, mas ainda assim senti os olhares de Liv queimando em mim em vários momentos do trajeto.

— Ott. — Ela inicia ao estacionar em frente ao meu apartamento.

— Não devia ter ido lá. Era melhor ter ficado no Rio com a mamãe.

— A mamãe quis que eu viesse. Ela sabe o quão importante é para você ficar perto de nós também. — Ela pega em minha mão. — Valentina ficou ameaçada. Você é a mamãe em um corpo masculino.

Eu ouço isso desde os doze anos. Meu rosto é familiar ao dela, somos baixos, nosso cabelo não é tão ruivo, somos os únicos a não ter olhos verdes, personalidades parecidas — e foi por isso que Liv nos deixou. Ela discutiu feio com a minha mãe e foi embora; só se voltaram a falar quando viemos para o Brasil e ficamos dois meses em São Paulo.

— Está certo, tô com sono, vou entrar.

— Otto, eu virei à sua festinha. Vera vai vir, não é? — Concordo com a cabeça. — Isso é ótimo! Iremos nos conhecer. Também aquele seu novo amigo vai estar, o Aspen? Você tem falado bastante dele. Quero conhecê-lo.

Dou um abraço nela. Sei que ela só quer ficar perto de mim. Sei que toda a separação dos nossos pais nos colocou em lados opostos. Meus pais entraram em uma briga na justiça pela nossa guarda, e o papai lutou até onde pôde por Olivia, e minha mãe lutou até o fim por mim.

— Te amo, Liv.

— Eu amo mais, Ott.

O elevador está quase fechando quando entro no hall do prédio.

— Segura para mim! — Grito e vejo uma mão com as unhas feitas em rosa, alguns anéis e uma tatuagem de rosa no dedo mindinho. Flora. — Ah, oi!

— Otto! Oi. — Ela me dá um abraço rápido. — Como anda?

Com as pernas?

— Ando bem, e você?

— Ah, estou ótima. Aspen me disse que vocês têm andado próximos. — Sinto minhas orelhas queimarem. Ele fala de mim para ela? — Estou feliz por isso. Eu sempre digo que é bom ele ter mais amigos além de mim.

— Sim, Vera sempre diz o mesmo para mim. — Damos uma pequena risada. — Aliás, eu irei dar uma festinha. Quer ir?

— Claro! — Ela sorri e eu dou um sorriso.

Não sei se já disse, mas Flora é muito linda.

Otto

São onze horas e eu estou na rodovia — está garoando — à espera de Vera.

Os moletons que comprei já estão acabando e eu não estou com coragem de lavá-los. Foi o frio de São Paulo que me deixou preguiçoso.

Avisto Vera, puxo Olivia pelo pulso — ela tem carro — até a minha amiga. Vera continua a mesma: gorda, pele negra, cabelos trançados em *box braids*, olhos pretos, sobrancelhas feitas e um tiquinho arqueadas. Ela nos avista e sorri.

— Hey! — digo.

— Oi! Que saudades! — Ela me abraça.

Estava com tantas saudades dela!

— Vamos para o carro, a chuva está engrossando — Olivia diz.

— Cadê as suas malas?

— Aqui — ela mostra a sua mochila. Vera vai ficar só por hoje aqui.

Demoramos um pouco para encontrar o carro da Liv, muitas pessoas em um lugar só. Vera e eu discutimos pelo banco do passageiro, ela diz ser mais alta que eu, sendo que tem 1,64m de altura.

Era eu quem merecia estar sentado lá na frente, e não ela. Também não coloquei o cinto de segurança. Espero que Olivia passe em uma blitz e seja presa. Alguém é preso pelo passageiro estar sem cinto de segurança? Não sei, mas espero que sim. De qualquer forma, eu grito que estou sendo sequestrado.

Os pingos da chuva estão fortes do lado de fora, estou com a cabeça encostada no vidro — me imaginando em um filme — com a música *Madrugada*, do Fabrício Viliano, tocando no rádio. Minha mente me leva para hoje de manhã sem que eu possa perceber: eu e Aspen no elevador, ele com os olhos abatidos e eu apenas querendo que o elevador quebrasse novamente. Dei o meu pão de mel para ele — sim, estava com duas mordidas — e por isso dei um beijo em sua bochecha. Ele me pareceu surpreso, mas sorriu. Isso quer dizer que ele gostou, não é?

— É o Aspen ali? — Vera pergunta. Olho para a rua.

E lá está ele, debaixo de uma cobertura com Flora ao seu lado. Ela usa uma roupa de malha vermelha e ele, a mesma que estava usando hoje de manhã. Eles fazem academia?

— É, é ele sim.

Vera sorri para mim, abaixando o vidro. Ela coloca a cabeça para fora e grita:

— Aspen! Aspen!

Ele a olha, confuso. *Desculpe, Aspen.*

— O Otto está aqui atrás, entra! Nós vamos dar uma carona para você!

Flora agarra seu pulso e eu vou mais para o lado para que eles possam entrar. Estou entre os dois — odeio ficar no meio. O joelho dele toca o meu. Ergo a cabeça, encontrando a imensidão de seus olhos azuis, e ele sorri para mim.

— Então você é o Aspen? — Olivia pergunta, quebrando o silêncio que tinha se instalado no carro.

O olhar de Aspen encontra o da minha irmã pelo retrovisor, e ele concorda com a cabeça.

— Otto não deixa de falar de você! — Vera diz, em meio a gargalhadas.

— Ei! Eu quem ia dizer isso!

Traíras safadas! Cadê a blitz?!

Sinto rubor em minhas orelhas quando Aspen direciona seu olhar para mim.

— Isso não é cem por cento verdade. Eu só disse que tinha feito um novo amigo.

— Puff! — Vera revira os olhos. — Minta para si mesmo.

Flora dá risada, colocando a mão em meu joelho.

— Fique calmo, Otto — ela olha para Aspen. — Pen também vem falando muito de você. Ontem mesmo ele elogiou seu look de trabalho.

— Ah, não — ouço Aspen sussurrar.

É a minha vez de olhá-lo com um sorriso. Aspen está com o rosto enterrado entre as palmas das mãos.

— Olhe aqui — ela me mostra o celular.

É uma conversa entre ela e Aspen. Tem a foto dos meus crocs rosa com a legenda:
“Mon Dieu! Otto é a pessoa mais fofa desse mundo!”

Aspen me acha fofo? Aspen me acha fofo!

Ela passa o celular para Vera, que mostra para Olivia.

Olho para Aspen e digo sem usar a voz: “Desculpa por isso.”

E ele responde também sem usar a voz: “Desculpa também.”

Termino de encher o balão que completa a frase “Seja bem-vinde à casa de Otto”. Sento no chão, estou sem fôlego. Devia ter comprado um inflador elétrico.

— Onde eu coloco isso? — Olivia me mostra as Coca-Cola que comprei — Aspen não bebe bebidas alcoólicas.

— Na geladeira? — digo o óbvio.

— Lá não cabe mais nada.

Me ponho de pé. Nós LGBTQIAPN+ meio gordinhos não temos um minuto de paz, entende isso?

Sigo Liv até a cozinha. É, de fato, a geladeira não tem nenhum espaço. O que eu farei? Não posso servir Coca-Cola quente para Aspen.

— Tá, vamos tirar algumas coisas.

— Tipo o quê?

— Hum... deixe-me ver. Segure isso. E isto aqui também. — Coloco um dos refrigerantes no espaço livre.

— Por que comprou seis refrigerantes, se é só o Aspen que não bebe?

— Ah, sei lá. Vai que ele queira jogar Coca-Cola nele próprio.

Ela ergue as sobrancelhas.

— Vamos respeitar o desejo do menino. Ele é depressivo.

— O quê? Sério?

— Ele tem todas as características do vídeo do TikTok.

— Ah, Otto, por favor — ela deixa o ambiente.

Sigo ela até a sala. Ela se senta no sofá.

— Sabe, Liv, você deveria deixar os psicólogos do TikTok trabalharem em paz.

Ela revira os olhos.

— Papai disse que os pasteizinhos estão prontos. Quer ir buscar agora?

— Só um minuto, deixa eu ver se a Vera quer vir conosco. — Bato três vezes na porta antes de gritar: — Vera! Quer ir com a gente?

— Onde? — ela grita de lá de dentro — ela está no banho.

— Na casa do meu pai!

— Não, a vaca da Valentina vai estar lá!

Eu e Liv damos risadas. Pego um dos moletons lésbicos que Vera tem — está escrito em letras grandes e em negrito: **EU AMO PEITOS**, então talvez eu pareça um tiquinho um hétero escroto na rua.

Demora cerca de uma hora para chegarmos à casa do papai. Realmente não queria vir até aqui, mas ele me enviou uma mensagem de desculpas hoje.

A casa está em silêncio quando entramos.

— Não podemos pegar os pasteizinhos e ir embora?

— Que horror, Otto! Ele é o seu pai.

Reviro os olhos.

— Tá, vamos atrás dele. — Me aproximo dela. — Mas, caso a Valentina fale merda, eu vou poder xingar ela?

Ela dá risada e coloca o braço por cima do meu ombro.

— Claro que pode.

Ela me guia até o segundo andar. Na outra sala de estar que tem aqui em cima, ouvimos a voz de Valentina alterada:

— Ele é a própria mãe! Ophelia nunca vai nos deixar!

— Você está sendo paranoica, Otto não tem nada a ver com a Ophelia.

Ela dá risada. Estamos parados. Olivia aperta o meu ombro, levando o dedo indicador aos lábios.

— Eu a enxergo no olhar dele!

— E o que eu posso fazer? Não vou mandar meu filho embora só porque ele se parece com a mãe!

— Não estou pedindo isso! Só não deixe ele falar comigo daquele jeito.

— Valen, meu amor, ele é apenas uma criança.

— Não! Ele não é! Estou farta de escutar isso! Ele já não tem mais quinze anos, não pode falar tudo aquilo que a mãe coloca na cabeça dele! Até quando aquela mulher vai ficar entre nós?

— Ela é a mãe dos meus filhos!

— Eu também posso ser a mãe dos seus filhos!

— Eu não quero mais filhos, Otto e Olivia já são o suficiente.

— Isso é o quê? Medo?

— Medo? Por que eu teria medo de ter filhos com você?

— Medo, sim! Você teme que um filho meu tire o que os seus outros têm! Medo de eu exigir os mesmos direitos que Ophelia!

— Meu amor, Você sabe bem que o meu sonho era apenas ter dois filhos.

— Olivia vai demorar a te dar um neto, e Otto... Bem, Otto é gay. Um filho nosso daria isso a você!

— Otto é pansexual, e até um filho nosso completar a maioridade, Liv e Ott já vão ter me dado netos.

— Chega. *Sussurro.* Vou para casa.

— E os pasteizinhos?

— Que eles queimem no inferno junto a Valentina.

— Otto…

Tiro o braço de cima do meu e desço as escadas com ela em meu encalço. Pulando os dois últimos degraus, ela agarra meu braço.

— Vamos pegar os pasteizinhos e ir para o seu apartamento.

— Não farei nada disso. Na verdade, farei apenas a última parte.

— Não foi o papai quem disse aquilo._ Suas mãos deslizam pelo meu pulso e seguram minha mão. — Não pode descontar nele as ações dela.

— Ele é o marido dela.

— Mas não é ela, não pensa igual a ela.

— Tá._ Reviro os olhos e ela sorri. — O que diremos a ele?

— Que não o encontramos e estávamos com pressa.

Liv me deixa na portaria e segue para o seu apartamento. Estou de cabeça baixa quando piso no meu cadarço desamarrado. Tropeço, empurrando alguém à minha frente — pelo menos entrei no elevador.

— Ah, me desculpe._ Ergo a cabeça e Aspen entra em meu campo de visão. — Ah, oizinho Aspen!

Ele dá uma risada. Está com os olhos inchados, um saco de McDonald's nas mãos e os cabelos molhados. Tropeço novamente, quase deixando as travessas caírem. Com uma das mãos, Aspen dá a volta na minha cintura, me segurando levemente — meu corpo se arrepia.

— Você está bem?

— Acho que sim.

Seu toque é como uma lareira em um dia frio de inverno no Canadá. E agora que ele me soltou, me sinto como se estivesse apenas de cueca no monte Everest.

O que Aspen Onrevni está fazendo comigo!?

— Segura isso pra mim. *Ele me entrega o saco do McDonald's.* Vou amarrar seu cadarço.

— Não precisa._ Ele se agacha mesmo assim, amarrando bem apertado o meu cadarço.

— Obrigado.

— Foi nada. Como andam os preparativos para a festa?

— Ah, está tudo ok! Comprei Coca-Cola, você toma, né?

Ele dá uma risada.

— Tomo, sim.

— Ótimo! Você poderá tomar um banho dela hoje.

— Oi? Quem tomaria banho de Coca-Cola?

Meu Deus! Não pode ser só eu a pensar nisso.

— Por Deus, Aspen! É Coca-Cola!

Ele dá uma risada.

— Você é demais, Otto.

— Eu sou?

Ele dá um passo ficando à minha frente — ouço sua respiração, ele deve estar com asma, seu peito sobe e desce de forma acelerada. Inclino a cabeça, encarando seus olhos, que já me encaravam. Seus lábios calejados estão entreabertos.

— Aqui está um pouco sujo._ Sua voz soa baixa quando ele passa o polegar em meu queixo.

Tudo bem, talvez eu tenha comido um ou três, talvez cinco pasteizinhos durante o caminho, mas esse não é o assunto aqui! Me coloco nas pontas dos pés, a ponta de seus dedos alisa o meu rosto.

— Otto...

A porta se abre nos assustando. Aspen se afasta bruscamente e eu deixo o elevador. Minhas orelhas, sardas, rosto... todo o meu corpo queima em vergonha e constrangimento. O que eu acabei de fazer! Com certeza ele iria me afastar e dizer para eu não confundir as coisas.

Olivia terminou a maquiagem aqui em casa, Vera já está com um copo em mãos e Flora e Aspen são recém-chegados. Evito trocar muitas palavras com Aspen, apesar de seu olhar me seguir a cada canto.

A noite passa como um vulto e a madrugada já se faz presente. As meninas ainda dançam. Aspen me ajudou a trazer o colchão para a sala — sim, ele viu o edredom dele. Me mantive o máximo que consegui afastado dele, mas apesar disso estou ao seu lado enquanto ele saboreia os pasteizinhos.

Antes mesmo de engolir, ele já coloca outro na boca. Me pergunto se ele está com tanta fome ou se está evitando falar comigo. Talvez ele não saiba como dizer que não quer mais ser meu amigo, que eu estraguei tudo no elevador. Balanço a cabeça. Não, isso não é real.

— Tá tudo bem?_ Ele me pergunta.

— Tô. Gostou dos pasteizinhos?

— Sim! Isso aqui está muito bom!

Dou um sorriso e ele retribui.

— Aspen…

Estou disposto a pedir desculpas por algo que nem tenho certeza se fiz.

— Otto, quer dançar?_ Ele diz algo que não escuto, pois Flora dá um grito por algo que Vera disse — ela se enturmou bem. Com um sorriso tímido e mais calma, ele repete:

— Você quer dançar?

— Oh, quero sim!

O seu toque volta a estar presente em meu corpo quando seus dedos dão a volta em meu pulso, me puxando até a sala onde as meninas dançam — menos Liv, ela já está dormindo. Não demoro muito a me juntar a elas, agarro a mão de Aspen, fazendo-o dançar.

Logo estou sem fôlego. Vou para a sacada com os passos de Aspen em meu encalço. Ele também está ofegante.

— Aspen... Eu preciso…

— Quer ver onde fica Vênus?

— O quê?

— Esse não é o seu planeta preferido?

Comentei uma vez com ele que esse era o meu planeta favorito. Dou um sorriso por ele ter lembrado de algo que até eu considero um tiquinho bobo.

— Como veremos Vênus?

Ele se posiciona atrás de mim, com uma de suas mãos segurando o parapeito e a outra apontando para um ponto perto da lua.

— Onde ele está?

— Ali, bem ali._ Olho para ele, o seu sorriso me faz sorrir.

— Ott, eu não sou Vênus.

Dou uma risada, estou corado. Ele segura em minha mão, apontando para um ponto abaixo da lua. Ele a aperta.

— Acho que estou vendo._ Dou risada, estou vendo Vênus!

— Ah, eu estou vendo! Estou vendo Vênus!

Me viro. Ele está dando risada, me junto a ele. Ele está muito próximo de mim, sinto seu hálito, sua cabeça está abaixada e a ponta do seu nariz toca o meu.

— Alguém, sa...be onde fica o banheiro... _Flora aparece na porta, está bêbada.

Aspen se afasta bruscamente de mim.

— Eu levo ela até o banheiro._ Sou deixado sozinho.

Volto para dentro, me deito ao lado de Vera. Não demora muito para Aspen estar ao meu lado. Me viro em sua direção, ainda estou de olhos fechados.

— Eu amei ver Vênus com você, Aspen._ Passo o braço em volta de seu pescoço. — Boa noite, Pen.

— Boa noite, pequeno.

Ele se aproxima de mim e me dá um beijo na testa.

Depois que a vida acaba, não levamos nada. Deixamos tudo o que amamos para trás. É de revirar o estômago pensar que deixarei todos quem eu amo aqui: meus pais, minha irmã, Vera, e agora, Aspen.

Aspen

— O que você tem feito? — Flora me questiona. Estamos na academia, um ao lado do outro na esteira.

— Estou o ignorando — digo como se fosse algo simples. Sei que não é legal fazer isso com as pessoas, principalmente essa pessoa sendo o Otto, mas eu não tenho a mínima ideia do que fazer!

— Você diz que está apaixonado pelo Otto.

— Na verdade, eu apenas disse que estava gostando dele.

— Que ele levantou os pés quando estavam próximos no elevador — ela está ofegante. — E agora você decidiu ignorá-lo? — Ela diminui a velocidade da esteira. — Não sei o que eu faço com você! Deveria pisar em sua garganta.

Jurei que ela não tentaria me ameaçar ou me bater se estivéssemos em público.
— Você não tinha que ficar ao meu lado?

Ela revira os olhos.

— Farei isso justamente por estar do seu lado — ela toma um gole de sua água. — Otto é inteligente, bonito, fofo, engraçado e você vai deixá-lo escapar?

Olho para os meus pés correndo na esteira. Não é como se eu quisesse deixá-lo passar, mas Otto não merece amar alguém como eu. E ele não ama.

— Não estou fazendo isso — deixo o equipamento. Pensar nisso está me deixando atordoado. Tenho me mantido ocupado para não pensar no quão quente era sua pele por debaixo do meu toque, ou o quão próximo eu estive de seu rosto. Tive Otto para me esquentar em uma tarde fria de outono e preferi ficar com o frio do inverno pois tive medo. O quão burro eu sou?

Está óbvio que Otto não gosta de mim. Alguém tão alegre, vibrante, bonito, cheio de vida como ele jamais gostaria de alguém cheio de inseguranças, que só consegue ter três pensamentos por vez, que praticamente está morto por dentro, igual a mim. Não quero frustrá-lo com isso. Ele me enviou uma mensagem hoje perguntando se tinha feito algo de errado, se ele tinha causado algum problema. Não quero que ele pense nisso. Ele não é problema, jamais será ele. Sou eu quem sou o problema.

— O que está fazendo então? — Flora me segue para fora do estabelecimento. — Qual foi a última vez que respondeu alguma mensagem dele?

Não respondo, pois ela já tem a resposta.

— Pen! Por favor! Você não merece isso. Pare de deixar as pessoas que gostam de você irem embora.

— Otto não gosta de mim — digo convicto.

— Por que acha isso?! Ele não ergueu os pés no elevador?

— Sim, mas Flora, olhe para mim! Como alguém como ele poderia gostar de mim?! — Meus olhos estão ardendo. Acho que irei chorar.

— Eu estou olhando! Quem parece não estar é você! — Ela segura meu rosto em suas mãos. — Você é lindo, fofo, inteligente, carismático. Aspen, você é especial, e quem não gosta de você tem algum problema.

— Otto merece mais.

— Sim, ele merece. E por isso encontrou esse "mais" em você! — Quero olhar para qualquer outro canto, mas suas mãos mantêm meu rosto na direção de seus olhos verdes. — Lembra do que Vera disse no carro? Está lembrado?

— Talvez ela só quisesse provocá-lo.

Os olhos verdes rolam.

— Se fosse apenas por isso, ele não teria ficado tão vermelho. E mais: o olhar de Otto seguiu você em toda a festa.

Acho que estou chorando. Minhas bochechas estão molhadas, meus olhos ardem, e Flora me abraça.

— Fale com ele. Dê uma chance à sua felicidade.

— Não sei se ele vai querer falar comigo. Já faz uma semana que não o respondo.

— Mande uma hoje.

— O que direi?

Ela desfaz o abraço — poderia fugir agora, mas acho que ela me alcançaria — e parece pensar.

— Chame-o para nossa noite de filme. Posso fazer aquela pipoca que fazia no ensino médio. O que acha?

— Você nem gosta de pipoca.

— Apenas não complica.

Tomo coragem de mandar uma mensagem para ele durante o trajeto de volta ao meu apartamento. Já são 16h, ele ainda deve estar no trabalho, mas mesmo assim o seu "oizinho" não demora a aparecer em minha tela junto a uma pergunta se estou bem e se ele tinha feito algo. Me desculpo pela demora para responder e digo que estou em semanas de prova — o que não é bem uma mentira — e pergunto se ele estaria disposto a assistir a um filme comigo. E ele aceitou. Otto disse sim!

Como toda quinta, Flora me deixa na frente do meu apartamento. Eu atravesso a rua dando nove passos e entrando no mercadinho da esquina. Com uma cestinha, vou até a seção de pets, comprando mais do que o necessário para a Lomb passar a semana — ela já está de volta em casa. Seu diagnóstico foi de intoxicação alimentar, mas ela já está bem. Pego os mantimentos que a nutricionista indicou para mim ter uma boa saúde.

Coloco os alimentos na esteira do caixa nove. Pego uma barrinha de chocolate, adicionando às compras, mas é quando estou com a carteira em mãos que meus joelhos fraquejam. Ouço sua voz, ergo o olhar e avisto seu sorriso. Poderia facilmente confundir Otto com um anjo.

Seus olhos seguem minha mão — trêmula — quando aproximo o cartão da maquininha. Ele está sorrindo, e as pontas de suas orelhas estão vermelhas. As borboletas que habitam meu estômago são grandes demais e suas asas machucam a minha barriga.

— Oi — resolvo dizer.

— Oizinho — ele segura a palma da minha mão, depositando nela uma paçoca. — Para você.

Quero dizer algo, mas uma senhorinha chega logo atrás de mim e minha coragem se vai. Deixo o mercadinho de cabeça baixa.

São nove da noite, e estou terminando de arrumar, mais uma vez, o sofá. Flora está na cozinha preparando a fantástica *pop-corn sucré* — era assim que a chamávamos na adolescência. Já me troquei três vezes e estou cogitando a ideia de fazer isso novamente.

Ainda não pensei muito bem no que dizer sobre eu ter uma gata, que, aliás, me encara com o mesmo olhar de desdém de sempre. Senti falta deles.

— Pipocas, refrigerante e sucos gelados já estão prontos. — Flora senta ao lado da felina, que rosna, e minha amiga deixa o sofá.

— Que horas você marcou com o Otto?

— Às nove. Ele está atrasado. — Digo, olhando o meu relógio de pulso.

— Acha que ele desistiu? Devo trocar de roupa?

— Relaxa. — Ouvimos a campainha. — Ele está apenas dois minutos atrasado. Sua roupa está ótima, só tira essa meia de árvore de Natal.

Oh mon Dieu! Eu esqueci de tirá-las!

— Oi, Otto, por favor, entre. — Flora abre caminho para ele. — Ah, obrigada, mas não precisava.

Otto usa uma camiseta branca por dentro da calça jeans e, por cima, um cardigã de lã. Ele está tão lindo. Seus olhos encontraram os meus e ele acena. Seus lábios estão entreabertos e sua testa franzida; ele está olhando para Lomb.

— Isso é um gato?

Flora volta da cozinha. Otto trouxe um refrigerante.

— Sim, ela é minha. — A confusão em seu rosto só aumenta. — Juro que não era para eu ter a Lomb, mas qual ser humano deixaria um filhote de gato abandonado em um dia chuvoso de São Paulo?

Seu rosto se suaviza e ele dá uma risadinha.

Já disse que a risada de Otto me dá borboletas na barriga?

— Ninguém deixaria uma fofura dessas abandonada na rua. — Ele se aproxima de Lomb.

— Cuidado, ela arra... — As palavras de Flora morrem antes de serem finalizadas. Lomb deixou Otto fazer carinho atrás da orelha e até o deixou pegá-la no colo.

— Uau! Ela é pesada!

Flora se aproxima de mim.

— Está vendo. — Ela sussurra. — Até a Lomb gostou dele. Se isso não é um sinal, não sei o que é.

— Bom, vamos assistir a qual filme?

Poderia morar na imagem que fixou em minha mente: Otto com Lomb em seus braços é como uma casa para mim.

— Desenho. Aspen está doido para assistir a Elementos. — Flora diz. — Vou usar o banheiro. Otto, poderia ajudar o Aspen com as comidas?

— Posso sim.

Flora desaparece no pequeno corredor e Otto me segue até a cozinha.

— Por que não me disse que tinha uma gatinha?

— É, desculpe por isso. — Pego os copos de refrigerante, deixando o copo de suco e o balde de pipoca com Otto. — Temi que você denunciasse ao sr. Rogério.

— Apesar de estar um pouquinho chateado, entendo o seu ponto de vista. — O meu coração erra as batidas quando ele sorri. — Aliás, a Lomb é uma gracinha.

— Ela não vai com muitas pessoas. Você é um dos únicos.

— Sério? — Ele me olha por cima do ombro. — Já me sinto especial.

Dou risada. Otto já é especial em meu coração.

Flora teve que ir antes do filme acabar. Ela está reformando a casa e hoje era dia de pintar o andar de cima. Parece que o pintor deixou tudo aberto e está chovendo, então ela teve que correr para lá.

Otto chorou junto a mim quando pensamos que Gota tinha evaporado. Lomb não deixou o seu colo em nenhum instante.

— Meu Deus! — Ele se espreguiça. — Eu amei esse filme. Me convide mais vezes, por favor!

Dou um sorriso, apesar de estar sentindo uma dor no peito por saber que ele está prestes a ir embora.

O acompanho até a porta. Observo-o colocar a chave na tranca, girá-la... e depois voltar com ela quebrada. Otto quebrou sua chave.

Estou fazendo o máximo para não dar risada.

— Eu quebrei a minha chave. — Ele diz, incrédulo. — O que eu faço? — Em meio à escuridão, seus olhos encontraram os meus. — Você está rindo da minha desgraça, Aspen?

— Não estou! — Levo a mão à boca, escondendo o meu sorriso. — O sr. Rogério tem cópias das chaves, podemos ir até o térreo.

— Mesmo você rindo do meu sofrimento, aceito ir até lá embaixo com você.

Voltamos sem a chave e sem o sr. Rogério — Ele já havia ido embora. Ofereci para Otto dormir na minha casa, e ele aceitou.

— Obrigado por me deixar dormir aqui. — Ele diz pela terceira vez assim que entramos.

— Não precisa agradecer. Estou apenas sendo um bom amigo.

Queria ser mais que isso!

— O melhor! — Ele me segue até o meu quarto.

Reviro o armário atrás de um inflador elétrico para encher o colchão inflável, mas não o encontro.

— Tá tudo bem. — Ele olha para além da janela, vendo um raio rasgar o céu. — Posso dormir no sofá.

— Minha cama é espaçosa. — Digo no impulso. — Quero dizer... é que... ela é grande... deixa pra lá, foi uma má ideia.

Ele ri.

— Não pense demais, Pen. — Meu apelido soa tão bem saindo de seus lábios. — Posso sim dormir na sua cama.

Apesar de escuro, sinto o seu olhar queimando em mim.

— Tá! — Ele quebra o silêncio. — Me conte algo traumatizante sobre a sua vida.

Dou uma risada.

— Isso é meio inesperado, mas tudo bem. Acho que foi quando eu quebrei o meu nariz. Pensei que nunca voltaria a respirar. Me conte uma sua.

Ele se mexe na cama.

— Hum... deixa eu pensar. Acho que foi quando fui jogar no celular do meu pai e peguei mensagens dele traindo a minha mãe. Aquilo realmente foi traumatizante.

Essa eu não sabia! Sei que os pais de Otto são divorciados — ele me contou e eu até pesquisei no Google. A família Lavrino é bastante conhecida em Portugal. Mas eu não tinha noção de que tinha sido o Otto a descobrir isso.

— Ah, meu Deus! Sinto muito. Com certeza isso foi horrível.

Ele ri.

— Sim, foi. Tudo uma grande merda, mas agora está tudo bem. Já superei.

Conversamos por mais alguns minutos até ele pegar no sono enquanto dava uma risada. Fico ali, apenas escutando sua respiração, até também cair no sono. O som de sua respiração é o melhor *ASMR* que já ouvi.

Otto

Meus olhos ainda se encontram fechados, apesar de eu ter acordado há alguns instantes. Temo que Aspen esteja ao meu lado – provavelmente ele está. Não consigo acreditar que dormi em seu apartamento, em seu quarto, na sua cama, com ele ao meu lado, com o seu braço em volta da minha cintura.

Ah, meu Deus, e se eu abrir o olho e descobrir que foi um sonho?

Repasso os momentos em minha mente, os acontecimentos de ontem, para ter certeza de que é real: estava com enxaqueca porque estava preocupado com o que eu tinha feito para Aspen se afastar de mim, trabalho, sua mensagem, atendê-lo, filme na sua casa, chave quebrada, dormi ao seu lado. Meu Deus! Foi real!

Ainda tem o fato de ele ter uma gata de estimação, muito fofa por sinal.

Abro um olho para depois abrir o outro. Aspen não está aqui. Deixo a cama fazendo o mínimo de barulho. Tudo aqui tem o seu cheiro, inclusive o moletom laranja que ele me emprestou ontem – o seu armário é cheio desses. Abro a porta, avistando Lomb, que corre passando por debaixo das minhas pernas. Ela é branca, olhos verdes, tem uma mancha no olho esquerdo e na pata direita, e usa uma coleira azul. Ela é muito fofa. Faço um pequeno carinho atrás de sua orelha.

Passo pela sala indo até a cozinha. Aspen não está em casa.

Me sento no sofá, esperando que Aspen saia de qualquer lugar com aquele sorriso que com certeza faria flores brotarem do cimento.

– Onde está o seu papai? – aliso a barriga e a felina mia manhosamente.

Volto para o quarto, arrumando a sua cama. Dou uma olhada ao redor. As paredes são brancas, com uma cabeceira estofada que vai até o teto. O armário toma toda uma parede, igualmente à escrivaninha, que é integrada a uma estante de mangás, funkos e alguns discos de vinil. Há também alguns, poucos, livros de publicidade. O notebook está fechado, com um caderno em cima, e há diversas canetas e marca-textos com uma variedade de cores.

Volto para a sala quando ouço uma chave girar na porta. Aspen usa o mesmo conjunto de moletom preto de ontem, os cabelos estão levemente úmidos, os lábios têm um tom claro de roxo e o nariz está vermelho, iguais às suas bochechas. Ele carrega uma sacola. Aspen é tão lindo.

– Ah, bom dia. – Ele sorri. O meu coração derrete. – Acordou há muito tempo? Fui comprar escova de dentes. – Ele me entrega a sacola.

Ouço a sua voz me chamar novamente quando minha mão encontra o metal gelado da maçaneta.

– Quase me esqueci, o Sr. Rogério disse que já sabe como consertar a sua porta. – Ele sorri de forma genuína.

Me pego pensando se estou o incomodando, quando já estou dentro do seu banheiro branquinho e organizado, igual ao restante de sua casa. Tem algumas toalhas de rosto na bancada, junto a vários perfumes caros. Passo um deles no meu pulso – o cheiro é muito bom. Não me demoro tanto no banheiro. Aspen me comprou café gelado, e ele está bebendo bubble tea enquanto estamos sentados no chão, observando Rogério consertar a porta – Aspen ofereceu café e pão de queijo, mas ele recusou. Rogério gosta só de café forte.

– Pronto, rapazes. – Me ergo do chão. – Aqui está. Depois eu faço outra cópia. – Ele me entrega a chave.

– Muito obrigado.

Ele sorri, intercalando o olhar entre mim e o loiro que ainda se encontra no chão, com o canudinho na boca.

– Fico contente que o menino Aspen encontrou um amigo como o rapaz Otto.

Nós dois sorrimos. Também fico contente em ter encontrado Aspen.

– Vou descer.

Me espreguiço, me virando para Aspen.

– Quer ajuda para se levantar?

Ele sorri, acenando positivamente com a cabeça, e eu estendo a mão. O meu corpo se arrepia com o toque acalorado. Seu sorriso se transforma em risada ao ver minha dificuldade em puxar o peso do seu corpo.

– Bom, agora está livre de mim – digo.

– Preferia não estar.

Suas bochechas ganham um rubor. Ergo as sobrancelhas.

– Quero dizer... é... é que o-ontem foi muito legal.

Dou uma risada.

– Aspen…

Ele me dá toda a sua atenção. Aperto a mão que ainda segura a minha.

– Quer ir a um passeio comigo?

Digo isso por impulso. Aspen se afastou de mim durante uma semana, e a sua presença me fez muita falta! Não quero que isso se repita. Quero permanecer ao seu lado, assim como quero que ele permaneça ao meu. Apesar de seus olhos estarem arregalados, mantenho o pensamento positivo.

– E-eu... – ele sorri – eu quero sim. Mas você não tem trabalho?

Tem um pequeno brilho em seus olhos azuis.

– É, eu tenho, mas amanhã depois das três eu estou livre.

– Esse horário está ótimo!

Então eu o solto, mesmo querendo que ele me tenha em seus braços. Minha cama está feita com o seu edredom, que ainda mantém o seu cheiro, assim como o moletom que estou vestindo. Estou com o cheiro de Aspen fixado em mim, e isso me faz questionar se o meu também está nele.

Passo todo o período de trabalho em meio a devaneios. Minha mente me guia até o quão próximo estive de Aspen. Talvez ele não quisesse que aquilo acontecesse, e por isso se afastou. Talvez eu não seja bonito, nem atraente aos olhos dele. Talvez ele só me veja como o seu amigo gordinho e engraçado.

Balanço a cabeça em negação. Aspen quem me mandou mensagem, apesar de eu ter enviado várias, dia após dia. Foi ele quem me chamou para assistir a um filme em seu apartamento. Mesmo eu me oferecendo para dormir em seu sofá, ele me chamou para sua cama. O que isso quer dizer?

Encontro Olivia no shopping depois do expediente.

– Vamos comigo ali ver se tem o tom da minha pele.

Sem nenhum “oi” sequer, ela me puxa para alguma loja qualquer de maquiagem. Passamos por cinco lojas diferentes antes de ela comprar uma base que tinha na primeira. Ela também me arrastou para algumas lojas de roupas – pelo menos pagou meu almoço. Um pouco tarde para isso, mas nunca recuso comida.

Vejo uma loja de artigos de anime. Eu, necessariamente, não gosto desse tipo de conteúdo, mas vi que Aspen tem alguns... alguns não, muitos. Fico indeciso sobre qual comprar, então apenas deixo para lá.

– Então, você tem um encontro com o Aspen?

– Não, é como um encontro entre amigos.

– E isso não é um encontro?

– Como você disse, parece que eu vou acabar a noite em cima dele.

Ela ri, me analisando.

– Está confortável na friendzone?

– O quê?! Eu não estou na friendzone.

Reviro os olhos. Isso é patético.

– Você está pensando em comprar um presente para ele.

– Uma forma de agradecer por ele ter me deixado dormir em sua casa.

Não contei a ela, nem à Vera, que dividi a cama com Aspen.

– Ott... – ela pega a chave do carro – você é um péssimo mentiroso.

– Vai me dar uma carona ou eu vou ter que chamar um Uber?

– Meu carro está logo ali.

– Continuar com as gracinhas e eu me jogo do carro em movimento. Aí você vai perder o seu único irmão.

– Por Deus, Otto!

Aspen

Mal preguei os olhos essa noite. Otto me chamou para sair, tipo um encontro, um encontro real. Eu já estava surtando com o fato de só termos dividido a mesma cama, mas ele veio e me chamou para sair. Otto, por acaso, quer me matar? Estou roendo as unhas que já não tenho, andando de um lado para o outro. Para onde vamos? Comeremos o quê? Voltaremos às horas?

– O vizinho do andar abaixo vai acabar reclamando – Flora analisa as roupas que pegou em meu armário. – Acho que uma camiseta branca vai ficar melhor. É, vai. Vou pegar aquela que tem as estrelas de Van Gogh.

– Você acha que ele também está nervoso?

– Não. Otto está tranquilo, bem sangue frio, já que ele vai levar você até um terreno abandonado e te esfaquear.

Arregalo os olhos, e ela cai na risada.

– É brincadeira. Com certeza ele deve estar nervoso.

Me sento por cima de uma das minhas pernas, apenas observando Flora bagunçar o meu armário.

– Estou indecisa sobre essa jardineira ou essa calça jeans.

– Calça jeans?

– Uma boa! – Ela joga as peças de roupa na cama, voltando a fuçar no guarda-roupa. Isso vai me dar um trabalho para organizar todo esse caos que minha amiga fez. – Qual desses moletons você mais gosta?

As opções são dois moletons azuis: um totalmente liso, apenas escrito “positions”, e o outro tem um gorro e bolsos com um bordado escrito “bored”.

– Não sei se seria legal usar roupas que têm escrito “posições” e “entediado” nelas em um primeiro encontro.

– Mas é o sexto álbum da Ariana Grande! – Ela balança a peça de roupa. – Você não é um gay normal. Que tipo de gay você é?!

Caímos na risada. Porém, no final, acabamos com uma jaqueta jeans. Com o banho tomado, Flora insiste em me fazer um skin care, e mesmo eu tentando argumentar que só um dia não vai melhorar o meu rosto... mas, sinceramente, alguém consegue vencer uma discussão com essa garota?

– Levanta a cabeça. Como eu vou passar o perfume?

– Eu mesmo posso fazer isso.

– Não. Eu vou passar a quantidade certa para fazer Otto cair de amores por você.

– Acha que ele não está apaixonado?

– Quem acha isso é você. – Ela passa o perfume de uma forma exagerada em mim.

Flora me olha como se eu fosse uma mãe orgulhosa do primeiro dez do filho na escola.

– Tá. Liga para os seus pais. Volto antes de você sair para cuidar da Lomb. – Ela destranca a porta. – Você está lindo!

Meus pais atendem no primeiro toque.

– Oi, meu filho! – Meu pai diz com um sorriso assim que a câmera se abre. – Indila, meu amor, é o Pen!

Não demora muito para minha mãe aparecer na tela também.

– Oi, meu menino, aconteceu algo? – Ela se senta. – Não está no horário da nossa ligação.

– Não, não aconteceu nada. É que eu vou sair durante o horário de sempre.

– Sair? Sair para onde? – Meu pai questiona com uma ruguinha aparecendo na testa. – Flora está aí? Vimos a mãe dela outro dia, pede para ela nos dar um oi.

– N-não, eu não vou... sair com a Flora.

Os olhos do meu pai saltam fora da órbita, e ele dá um pulo da cadeira. Ele grita, gargalha e comemora como se o Brasil tivesse acabado de ganhar o hexa.

– Meu filho tem um namorado! – Ele grita, e as minhas bochechas queimam.

– Pai, pai, eu não estou namorando ninguém!

Minha mãe sorri e diz:

– Não minta para os seus pais. Cadê o rapaz? Irá trazê-lo para o Natal? *Ah, mon Dieu!*

– Não estou mentindo. Otto é apenas um amigo!

– O nome dele é Otto?! Otto e Aspen, ficam lindos combinados. Vou bordar em guardanapos de pano! Mon Dieu! Meu filho vai namorar! – Ela se levanta. – Você tem se cuidado? Pen, está usando preservativo?

– Por Deus, mãe! Não fizemos nada!

– Prometa que irá se cuidar!

– Mas mãe…

– Aspen, me prometa!

– Tá bem, eu prometo.

– Ah, meu menino está tão crescido. – Ela alisa a tela. – Joseph! Me espere...

– Ah, meu menino está tão crescido. – Ela alisa a tela. – Joseph! Me espere para contar à Marie!

Limpo o suor que escorre em minha testa. Isso foi uma má ideia – papai está ligando para minha tia que mora em Paris.

– Mãe, vou desligar, tá bom?

– Mas já? Otto está aí? Mande um oi para ele!

– Tá bom, mamãe. *Je t'aime*, tchau. – Desligo a ligação.

Solto o ar que nem sabia que estava prendendo. Flora não demora para chegar. Estamos conversando quando a campainha toca. Otto está sorrindo quando abro a porta. Ele usa uma camiseta prêt-à-porter dentro da calça jeans, e por debaixo de uma camisa de flanela. Nos pés, ele usa um All Star preto.

– Oizinho.

Ainda me sinto tonto com a sua beleza. O braço de Flora para por cima do meu ombro.

– Isso é para o Aspen? – Ela aponta para a sacola que o ruivo está em mãos.

– Ah, sim. Eu comprei um mangá em uma loja virtual para você! – Ele me entrega. – As críticas sobre ele são ótimas!

Apesar de eu já ter esse mesmo mangá em minha estante, estou muito feliz por ele ter comprado algo para mim.

– Obrigado, mas eu não comprei nada.

– Não tem problemas!

– Cuide bem de Aspen! – Flora aperta o meu ombro.

– Pode deixar que cuidarei direitinho dele!

– Se precisarem, não me liguem. Bom encontro para vocês! – Ela me empurra para fora do meu apartamento, trancando a porta.

Vamos de Uber até o parque. Otto parece uma criança encantada com tudo. Ele aponta para lugares aleatórios, fazendo diversos comentários. Ele se vira para mim, e meus joelhos fraquejam.

– Hoje não tem sol – ele comenta.

Se eu pudesse, faria um sol apenas para Otto.

— Pois é. — Me limito a dizer.

— Aqui não tem muito sol, não é?

— Tem alguns dias bem ensolarados aqui.

— Bem, o clima não importa muito, tem algo que queira fazer?

Beijar você!

— Hum, acho que não. — Dou uma olhada em volta. — Estou à sua disposição.

— Não tem nada que goste de fazer?

— Gosto de assistir doramas e animes, e você?

Ele ri.

— Não, bobinho, estava me referindo ao parque.

— Ah. — Meu rosto queima em vergonha.

— Mas, eu gosto de muitas coisas, Aspen, adoro tomar café em uma livraria, apesar de não ler muito, não vivo sem internet e chocolate, e gosto de você!

Os meus olhos se arregalam, todo o meu corpo queima e treme, todo o meu oxigênio parece sumir, a minha alma está voltando aos cosmos.

— E-eu também gosto... de você.

Ele sorri.

— Fico feliz por isso! — Ele suspira. — Sente falta de casa?

— Como assim? Já quer voltar?

— Não, estou falando do lugar em que você se sinta realmente se sinta em casa.

— Ah sim, sim, sinto falta o tempo todo, sempre fui muito próximo de meus pais e depois que vim para cá ficamos um pouco distante, mas tento sempre manter o contato.

— Queria poder abraçar minha mãe, sinto tanta a sua falta.

Toco em seu ombro.

— Aspen. — Dou a ele toda a minha atenção, pois Otto me tem. — Posso dar um abraço em você?

Engulo seco enquanto concordo. O meu corpo se arrepia com o contato de Otto, seus braços dão a volta em minha cintura e eu abraço os seus ombros, ele deita a sua cabeça em meu peito, ter Otto em meus braços é como estar de volta em casa.

— Bom, vamos se divertir!

Fomos em alguns brinquedos – quase em todos – Otto agora esbanja a pelúcia que ganhou por ter acertado o aro na garrafa.

— Vi que tem um velh... quero dizer, um senhor vendendo balões, estava pensando em nós dois apostar uma corrida e quem perde paga?

— Tá, só deixa eu me levan... — Otto sai em disparada na minha frente.

Otto se esforça em correr — estou andando — mas ele não tem prática alguma, ou seja, ele é péssimo nisso, estou a dois passos de alcançá-lo mas deixarei ganhá-lo. Otto pula vitorioso ao chegar na barraquinha de balões, ele está ofegante mas mesmo assim sorri e pula. O ser mais lindo que já vi.

— Eu ganhei! Eu ganhei! — Ele aponta o dedo para mim. — Você perdeu! — Ele ri.

— Bom, escolha o seu balão.

— Só um minuto, vou recuperar o fôlego. — Ele apoia as mãos nos próprios joelhos e fecha os olhos, a bochecha estão vermelhas, a respiração está tensa e os cabelos grudados na testa, ele fica nessa posição por alguns minutos antes de levantar num sobressalto com um sorriso. — Eu quero o de unicórnio!

O senhorzinho sorri entregando o balão que Otto escolheu, o ruivo sorri como uma criança de sete anos, eu pago e seguimos em frente.

— Ah, meu Deus! Agora eu tenho um ursinho e um unicórnio! — Ele tira o celular de um dos bolsos da calça e me puxa para o seu lado, o toque de Otto me faz querer beijá-lo. — Vamos tirar uma foto.

— Tá com fome? — Ele guarda o celular. — Liv me disse que tem um food truck muito bom por aqui, eles vendem uma coxinha muito boa. — Ele olha em volta. — Acho que é por ali!

Otto agarra em minha mão e sai me puxando. Ele me faz comer três coxinhas e beber duas latas de Coca-Cola, agora estamos correndo — de mãos dadas — pela chuva que começou forte nos pegando de surpresa, Otto deixou o ursinho, que na verdade era um cachorro de pelúcia, cair no esgoto enquanto tentava pegar o balão que fugiu de sua mão.

— Ah, meu Deus! Deveria ter olhado a previsão do tempo. — Estamos debaixo de uma cobertura. — Você vai pegar um resfriado, me desculpe.

— Você também vai!

— Ah, meus Deus, vamos nós dois pegar uma gripe!

Damos risadas, esperamos a chuva cessar pra seguimos para casa, já é noite e estamos encharcados.

— Foi legal! — Ele diz. — Apesar da chuva, foi muito legal!

Seus lábios tremem com o frio e eu poderia facilmente aquecê-los com os meus.

— Foi muito divertido, eu amei passar essa tarde junto a você.

— Eu também amei.

O elevador se abre e seguimos até as portas do nosso apartamento, ele me encara em meio à escuridão com um sorriso, eu ainda estou sorrindo mas observo os seus lábios.

— Bom, eu vou indo, boa noite. — Ele destranca a porta e volta a olhar para mim. — Se seca, toma algum remédio para gripe e se mantenha aquecido.

— Otto...

— Oi?

Minha consciência é tomada pelo meu coração, dou um passo em sua direção.

— Otto. — Seguro o seu rosto em minhas mãos e eu o beijo.

Meu coração bate aceleradamente, estou beijando Otto, e ele está me beijando de volta. Um lampejo de lucidez traz de volta a minha consciência, deslizo minhas mãos até os seus ombros o afastando. Ele não me vê assim, somos apenas amigos, isso não está certo.

Entro para dentro de casa. Otto já parou de insistir em me chamar e bater na porta mas ainda estou agarrado aos meus joelhos chorando com Lomb aos meus pés.

Eu estraguei tudo.

Otto

Não consigo dormir há três dias, minha casa está um caos, deixo a minha cama apenas para três coisas: usar o banheiro, buscar comida e ir até a porta de Aspen e chamá-lo, apesar de Rogério ter me dito que, no domingo, o loiro deixou o condomínio carregando uma mala de rodinhas e uma de mão. Que tipo de pessoa Aspen é? Me beija e foge? Me apaixonei por um covarde? Não posso crer nisso! Não posso acreditar que Aspen me beijou e foi embora, me deixou aqui, para trás, sem nenhuma resposta, não posso!

Talvez ele não queira nada com alguém como eu. Nunca me senti tão na merda como agora. *Sou um lixo.* Arrasto os meus pés até a sacada, não faço a mínima ideia de que horas são, porém me parece ser de madrugada. Está garoando. Penso que o universo está compactuando com o meu sofrimento, já que, nos últimos dias, tem chovido bastante. A aguaceira dos últimos dias me leva até o sábado, onde eu tinha Aspen segurando minha mão enquanto corríamos na chuva. Nunca me senti tão bem quanto naquela hora. Estar com Aspen me faz bem, mas agora ele se foi.

Me sento no chão frio e molhado, visando o céu. Não consigo achar Vênus em meio às constelações. Necessito de Aspen aqui, para me dar um norte. Aperto o celular em minhas mãos, meu rosto está banhado em lágrimas. Aspen vem ignorando minhas ligações e mensagens. Deveria parar de enviá-las, mas mesmo assim eu mando um *"por quê?"*. Também venho faltando no meu trabalho. Hoje mesmo recebi mensagens de Gabi, Sophia e da gerente da loja, mas as ignorei. Venho ignorando todos.

Me deito enrolado no edredom de Aspen. A chuva se intensificou lá fora, estou molhado e choroso. Eu me odeio. Minha cabeça lateja, meus olhos pesam e o meu coração está devastado. Acabo pegando no sono e só acordo ao ouvir batidas em minha porta – parece que não dormi nada – me rastejo até lá, avistando Olivia e Mathias – namorado de Liv – pelo olho mágico.

– Consigo ver a sua sombra._ Olivia bate na porta.

– Não vou abrir!

– Abra logo!

– Não! Você não pode me obrigar!

– Você é quem pensa.

Vejo a maçaneta se movimentar junto ao barulho da trinca. Me ponho a correr, sendo seguido por Olivia. Sou jogado ao chão com o impacto do corpo de minha irmã junto ao meu. Ela me imobiliza embaixo de suas pernas.

– Isso é invasão! Me solta! Socorro! Estão me roubando!

– Tranca a porta._ Ela pede a Mathias.

– Olivia, sai de cima de mim! Está me sufocando!

– Me diga o que houve com você?!

– Não!_ Estou exausto para lembrar daquilo que ainda me machuca.

– Você me ligou no sábado dizendo que Aspen havia te beijado! Me conta o que aconteceu ou eu vou bater aqui do lado!

– Pode ir!_ Que caralhos, estou chorando mais uma vez. – Ele se foi, Aspen foi embora!

Um silêncio recai no ambiente e Olivia finalmente me solta. Devo ligar para a polícia?

– Como? Por que ele foi embora?

– Porque ele me odeia! Deve ter sentido nojo ao me beijar.

– Ott…

– Quem me beijaria, afinal?

– Otto, meu bem._ Ela me abraça. – Ninguém teria nojo em beijar você. Seus dedos adentram meus cabelos. – Não quer me dizer o que aconteceu?

– Foi isso o que aconteceu._ Estou soluçando. – Ele me beijou, se trancou e se foi.

– Ah Ott, vai ficar tudo bem!_ Mathias alisa a minha costa. – Vou dar uma privacidade para vocês.

– Vou dar um banho em você._ Olivia seca as lágrimas que insistem em sair.

– Eu não sou um bebê.

– Então, não aja como um._ Ela se esforça para me erguer do chão antes de desistir e só sair me arrastando pelo braço esquerdo.

Fico imóvel em todo o processo. Liv me deu banho e me trocou enquanto Mathias deu uma geral no meu quarto e trocou as roupas da cama. Ainda desejo sentir o cheiro do Aspen, ainda me questiono o que eu fiz para afastá-lo.

– Sabe Ott._ Olivia está penteando o meu cabelo. – Podemos ligar para a Flora. Ela deve saber o que se passa na mente de Aspen. E se de fato ele for um babaca..._ Liv é cortada pela porta sendo aberta, revelando Mathias com um prato de misto-quente em mãos.

– Eu mesmo acabo com ele._ Meu cunhado entrega o prato a mim. – Agora me dá um sorriso.

– Obrigado._ Sorrio sem mostrar os dentes.

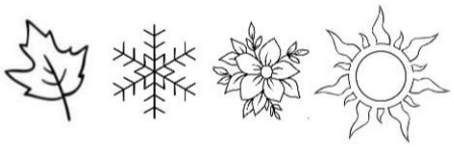
Passamos o restante do dia assistindo a várias comédias românticas. Os dois não me deixam até eu pegar no sono.

Aspen

Não estou mais em São Paulo. Usei o restante daquela noite para comprar uma passagem de ida para Santa Catarina, cheguei em Coquinhos pelo início da tarde.

Estou deitado admirando as constelações que têm pintadas no teto de meu antigo quarto, apesar de não estar enxergando com muita clareza – chorei muito nos últimos três dias e deixei o meu óculos em São Paulo. Meu celular vibra com mais uma mensagem de Otto, o meu peito dói quando deslizo o polegar sobre a tela, excluindo a notificação. Sei que ele me odeia, e se não, isso não vai demorar para acontecer.

O chão está gelado quando me deito sobre ele, a lua agora me banha com a sua luz. Não é tão difícil achar Vênus em meio às estrelas. Pergunto se Otto também está a admirar o seu planeta favorito. Otto é o meu planeta favorito.



Sou acordado com batidas na porta, dormi no chão e foi estranhamente bom, apesar das dores musculares.

– Querido, com licença. Mamãe entra em meu quarto junto a Lomb.

– Dormiu no chão?

– Hã?_ Me ergo do chão com uma certa dificuldade.

– Sim._ Ela alisa o meu rosto com um sorriso tristonho.

– O que tem acontecido com você?

– Nada, eu estou bem.

– Estou me esforçando para acreditar em minha própria mentira.

– Meu querido, eu gerei você, sei bem quando tem algo de errado, sempre soube.

– Suas mãos trazem conforto às minhas.

– O que aquele menino fez? O que o Otto fez que foi o suficiente para você voltar para cá sem nem contar a Flora?_ Quero que ela saiba que nessa história o vilão sou eu, fui eu quem o beijei, fui apenas eu que estraguei tudo, mas me limito em apenas dizer:

– Otto não me fez nada.

– Por que ele vem te ligando regularmente?

– Mamãe, por favor.

– *Mon Cher,* não me peça por favor, estou aflita.

– Seus polegares alisam a costa de minha mão, sou péssimo.

– Bom, nunca interfiri, sempre esperei você me contar, irei continuar fazendo isso, apenas não guarde tudo para si. Bia fez pães de queijo, venha comer conosco.

– Eu já vou, tenho que escovar os dentes.

– Não se demore.

– Ela toma meu rosto em suas mãos e beija a minha testa. Não tenho nenhuma mensagem de Otto, pensei que me sentiria bem em saber que ele enfim desistiu de mim, mas por que dói tanto?

Retorno a ligação perdida de Flora.

– Aspen, me diga que não fez burrada. Por Deus, ela já sabe.

– Fiz burrada.

– Olivia me ligou.

– Sinto um desconforto em meu peito.

– Ela está a caminho do apartamento de vocês, Otto não tem respondido a nenhuma mensagem, ela acha que pode ter algo a ver com você, não acredito nela, sei que não, você não faria nada para magoá-lo.

– Eu o beijei. Há um silêncio do outro lado da linha.

– Me desesperei, não podia ver o ódio nos olhos de Otto, não podia, então, voltei para Santa Catarina.

– Espera um minuto, você está em Santa Catarina?

– Sim, estou.

– Santa Catarina, tipo, onde seus pais moram, onde os meus moram?

– É, sim, isso mesmo.

– Aspen, eu vou pegar você nos tapas! Você fugiu porque beijou o garoto de quem você gosta?

– É, é basicamente isso que eu fiz.

– Por favor, me apoie, Flora.

– Vera está vindo para São Paulo, nós duas iremos visitar Otto, quero que você fique bem, mas agora, me conta, o que você achou?

– Achei o quê?

– O que você achou do beijo do Otto? Sinto as minhas bochechas queimarem.

– Acho que foi, não, eu não acho, tenho certeza, tenho certeza que esse foi o melhor beijo da minha vida. Ela solta uma risada.

– Bom, vou tentar resolver as coisas aqui, aproveita para ficar esse tempo com os seus pais e dá um abraço em cada um deles por mim, só você mesmo para fugir de quem gosta de você.

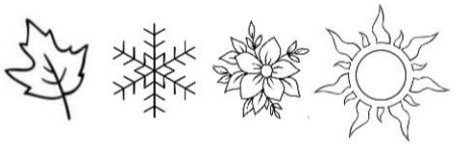
– Acha mesmo que o Otto gosta de mim?

– Eu tenho é certeza!

– Me permito sorrir com essa ideia.

– Vera está me ligando, te amo, tchau!

– Tchau. Sinto que tem algo rolando entre essas duas.



Decido que hoje não ficarei trancado no quarto. Ajudo a minha mãe com o seu jardim, finjo entender o problema que o motor do carro do meu pai tem, me junto a Lomb na disputa de pinturas que os meus pais fazem, me junto aos dois no fim de tarde para a caminhada que eles sempre fazem, ajudo Bia a preparar o jantar, organizo junto ao meu pai a sua estante de livros clássicos, mas mesmo assim minha mente me guia até o sorriso de Otto e ao fato de que eu sou a causa de sua dor. Ele não merece amar alguém como eu, e mesmo que já o ame, ele ainda assim merece coisa melhor.

Otto

Sei que a esse horário eu devia estar com um sorriso no rosto atendendo a algum cliente aleatório, mas estou no meu terceiro pedaço de red velvet, sentado em uma das mesas da praça de alimentação, com Vera à minha frente. – Ela chegou ontem no início da madrugada. – Estamos esperando por Flora.

– Oi, gente! – Flora se aproxima, sentando-se ao lado de minha amiga. – Por Deus, Otto, você está péssimo!

Forço um sorriso. Ela diz isso como se eu não tivesse olhado o meu reflexo hoje de manhã. Sei que estou péssimo. Com olheiras – pequenas – rosto inchado, olhos vermelhos e sem nenhuma motivação. Por isso, estou usando meias com chinelos em um shopping.

– E aí, onde é que está o Aspen? – Vera questiona.

– É... não sei se posso contar. – Os ombros de Flora estão tensos e ela não deixa de mexer nos anéis que seus dedos carregam desde o minuto em que sentou.

– Desculpa, mas veio aqui para o que exatamente?

– Bom, tentar entender o que aconteceu, eu acho.

Rolo os olhos.

– Seu amigo me deixou aproximar dele, fez parecer que estava interessado em mim, me beijou e fugiu sei lá para onde. Então, bom, acho que não tem muito o que entender. – Sinto um amargo no céu da minha boca.

Flora suspira.

– Sei que é de compreender, Otto. – Ela tenta se aproximar com suas mãos, mas recuo com as minhas. – Tente entender o lado de Aspen, ele gosta de você, é bom você saber disso. Aspen gosta de você.

Gargalho, mas a minha real vontade é de chorar.

– Jeito estranho de gostar, não?

– Pega leve, Otto, não foi ela quem fez merda com você.

– Eu só queria entender o que se passa em sua mente. – Escondo o meu rosto embaixo de minhas mãos. – Sou tão horrível assim?

– Não! Otto, você é perfeito! – Flora segura minhas mãos entre as dela. – Aspen também acha isso, pode apostar, ele só está apavorado, vocês compartilham o mesmo medo. Pen fugiu por temer a sua rejeição.

– Fugiu para onde?

Flora fecha os olhos, soltando o ar pesado que estava a segurar.

– Ele foi para a casa dos pais, em Santa Catarina.

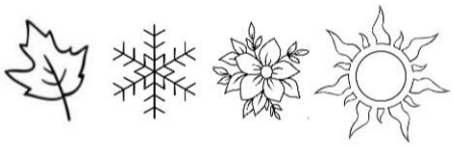
– Caralho! – Vera exclama.

– Sei que é difícil, mas realmente não sei se ele está disposto a voltar. Então é isso! Aspen me deixou para sempre?

– Irei até Santa Catarina. – Sussurro. – Irei até Aspen. Então é isso, se ele não vem até mim, irei até Aspen. Serei o príncipe que irá salvá-lo do alto de uma torre.

Os olhos das duas se voltam para mim, os de Flora um tiquinho arregalados.

– É, vou até Aspen. – Digo convicto. – Vou até ele!



Depois de uma longa viagem de uma hora e quinze minutos, onde passei todo esse período chorando, até cogitei a ideia de, assim que deixasse esse voo, entrar em outro com o destino do Rio de Janeiro. Mas, aqui estou eu, na frente do condomínio dos pais de Aspen. Flora o avisou da minha vinda, por isso minha entrada está liberada. A diversas casas enormes com jardins, e até mesmo fontes, mas meus olhos se fixam em uma de três andares com a fachada branca, mas precisamente no rapaz de calça de moletom cinza e camiseta de mangas longas da Lana Del Rey, que está sentado no meio-fio. O tempo está se fechando, Aspen está à minha frente – os primeiros pingos de chuva já caem sobre nós.

– Otto, veio fazer o que aqui? – O loiro quebra o silêncio.

– Vim até você.

– Por quê?

– É sério?

Seus olhos descem até seus dedos, que brincam um com os outros, e depois ergue a cabeça para os céus, antes de voltar a olhar para mim.

– Otto…

– Por que me beijou?

– E-eu... – Ele coça a nuca, abre a boca, mas logo volta a fechá-la. – Aspen, por qual motivo você me beijou?

O vento está forte e a chuva está engrossando, mas não arrisco a mover um passo.

– Não sei, eu não sei, Otto! – Ele recua um passo. – Você estava lá... estávamos lá... seus lábios. – Ele está ofegante. – Puta merda, seus lábios, ah, meu Deus!

Sinto as lágrimas escorrerem pelo meu rosto quando o vejo chorar. Isso foi uma má ideia, não foi?

– O que tem meus lábios? Como pode ser tão egoísta?! Você ponderou como eu me sentiria? – Avanço um passo.

– Por isso eu fui embora, não queria magoá-lo!

– A sua ida me doeu mais que o beijo! Você me deixou confuso e sozinho, achando que eu não era o suficiente para fazer você ficar!

– Otto, você é mais que o suficiente para me fazer ficar! Eu só, eu... só! Ah, não sei!

A chuva já nos deixa ensopados.

– Você tem me deixado confuso! – Ele grita, avançando um passo. – Você é sempre tão iluminado por uma luz que é só sua, ainda tem os seus malditos sorrisos que me fazem querer viver! – Ele ri em meio às lágrimas. – Você me faz sentir único.

– Você é único!

– Não, Otto, não sou! – Dou um passo em sua direção. – Sou um erro, uma confusão que estraga a vida das pessoas. Olha o que estou fazendo com a sua. Eu sempre estrago tudo!

– Não está! Aspen, eu estive procurando por algo que só achei em você! – Grito em meio à chuva, levo a mão dele até o meu coração. – Não me sinto em casa desde que deixei Portugal, e estar com você é como estar no lar.

– Otto…

– Aspen, eu te amo!

– Como pode amar alguém como eu?

Dou um sorriso.

– E como não amaria?

Ele sorri, e é a minha vez de tomar o seu rosto em minhas mãos. Me coloco nas pontas dos pés e junto os nossos lábios. Não demora muito para Aspen retribuir o beijo. Amo Aspen, e sei que ele também me ama.

Aspen

Estou sentado em minha cama, com uma perna balançando para fora dela, enquanto penso na noite anterior. Flora me ligou com a sua voz de autoridade, dizendo que, se não deixasse Otto entrar, ela me castraria. Discutimos embaixo de uma tempestade, ele me beijou, tipo, Otto Lucca Lavrino me beijou! E agora, ele está no banho e eu estou à sua espera, como uma criancinha que espera o amiguinho acordar por ter vergonha de ir tomar café da manhã sozinho.

– Com licença. – Ela adentra segurando o cós da calça, cabelos molhados com algumas gotas d'água escorrendo pela testa, suas orelhas estão tomadas pelo rubor, e sim, foi esse baixinho quem me beijou.

– As roupas ficaram um pouquinho grandes.

Dou um sorriso.

– Eu usava essa roupa quando eu tinha dezoito anos.

– O que eu posso fazer se você parece um poste?

– Ou foi você que não cresceu?

Ele aponta o dedo em riste.

– Eu sou alto, ok?

Dou uma risada.

– Otto.

A minha voz rouca tira o sorriso de seu rosto, eu sou tão péssimo em segurar as lágrimas. Ele se senta à minha frente, tomando minhas mãos trêmulas entre as suas, que por sua vez sempre estão tão quentes.

– Vai me mandar embora?

– O quê?! Não, jamais!

– Ufa, pensei que ia me xingar por ter vindo atrás de você, mesmo depois do gelo.

– Desculpe por isso, eu estava com medo, muito medo.

– Estou com medo, com muito medo mesmo.

– Do quê?!

– Aspen, você gosta de mim?

Ele ainda tem dúvidas disso?

– Eu só não gosto, como eu amo você, Otto, eu te amo!

Ele sorri e, mesmo que isso me pareça familiar, ainda assim é diferente. O diferente disso é saber que ele gosta de mim, mas que isso, Otto me ama e eu o amo de volta.

Otto se ajoelha na cama, colocando os braços em meu ombro. Otto está me abraçando.

– Promete nunca mais fugir de mim?

– Otto, me desculpa por isso…

– Me promete?

– Eu prometo tudo o que você quiser!

Ele desfaz o abraço e eu o puxo para outro. Não quero mais soltá-lo, quero mantê-lo em meus braços até o dia em que eu morrer, quero dar o meu último suspiro sendo abraçado por Otto.

– Otto. – Por um instante, me perco na imensidão castanha de seus olhos, quero me perder mais e mais.

– Otto, namora comigo?

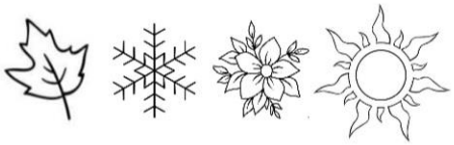
– Namoro! Namoro sim, meu Deus, você demorou muito a pedir…

Dou uma risada.

– Estou namorando, e não apenas namorando, estou namorando o Otto!

Meus pais chegam em casa depois das sete, mamãe enche Otto de perguntas, – questionou até sobre o seu tipo sanguíneo – agora, estamos eu e papai encostados no batente da porta observando os dois conversarem sobre comida. Ela ficou encantada com o

fato do pai de Otto ter franquias de restaurante especializado em comida brasileira espalhadas pela Europa, já eu, fiquei encantado em saber que ele sabe falar francês básico.



– Você precisa vir para a França conosco para o Natal. – Mamãe coloca a xícara de chá na mesa de canto, me observando. – Não é?

– Filho. – Papai se senta, cruzando as pernas. – Vi agora pouco em seu quarto algumas malas pré-feitas, já está voltando para São Paulo?

– Sim, vamos ir amanhã pela parte da manhã.

– Oh non! Você me traz o meu genro em um dia e já vai levá-lo em outro?

Otto dá uma risada.

– Vamos ter todo o Natal para nos conhecer, dona Indila.

Mamãe deita em seu ombro.

– Non, sem dona, apenas Indila ou sogra. – Ela sorri dando um beijo na bochecha dele. – Prefiro a segunda opção.

Otto dá outra risada. Conversamos por mais alguns instantes antes dos meus pais nos deixarem a sós. Levo o ruivo até o jardim que temos no terceiro andar da casa. Os olhos de Otto brilham ao ver as várias plantas que mamãe cultiva.

– Aqui é lindo, tudo é muito lindo! – Ele dá uma rodadinha tocando em uma das plantas.

– Só o local é bonito ou eu também?

Otto rola os olhos, me abrindo um sorriso.

– Claro que você é lindo, você é ridiculamente bonito!

– Isso foi um elogio ou um insulto? – Dou uma risada.

– Foi um elogio.

O seu corpo me esquenta quando os seus braços dão a volta em minha cintura e sua cabeça deita em meu peito.

– Você me deixa bobo, Otto.

– E eu sou um bobo apaixonado por você, Aspen.